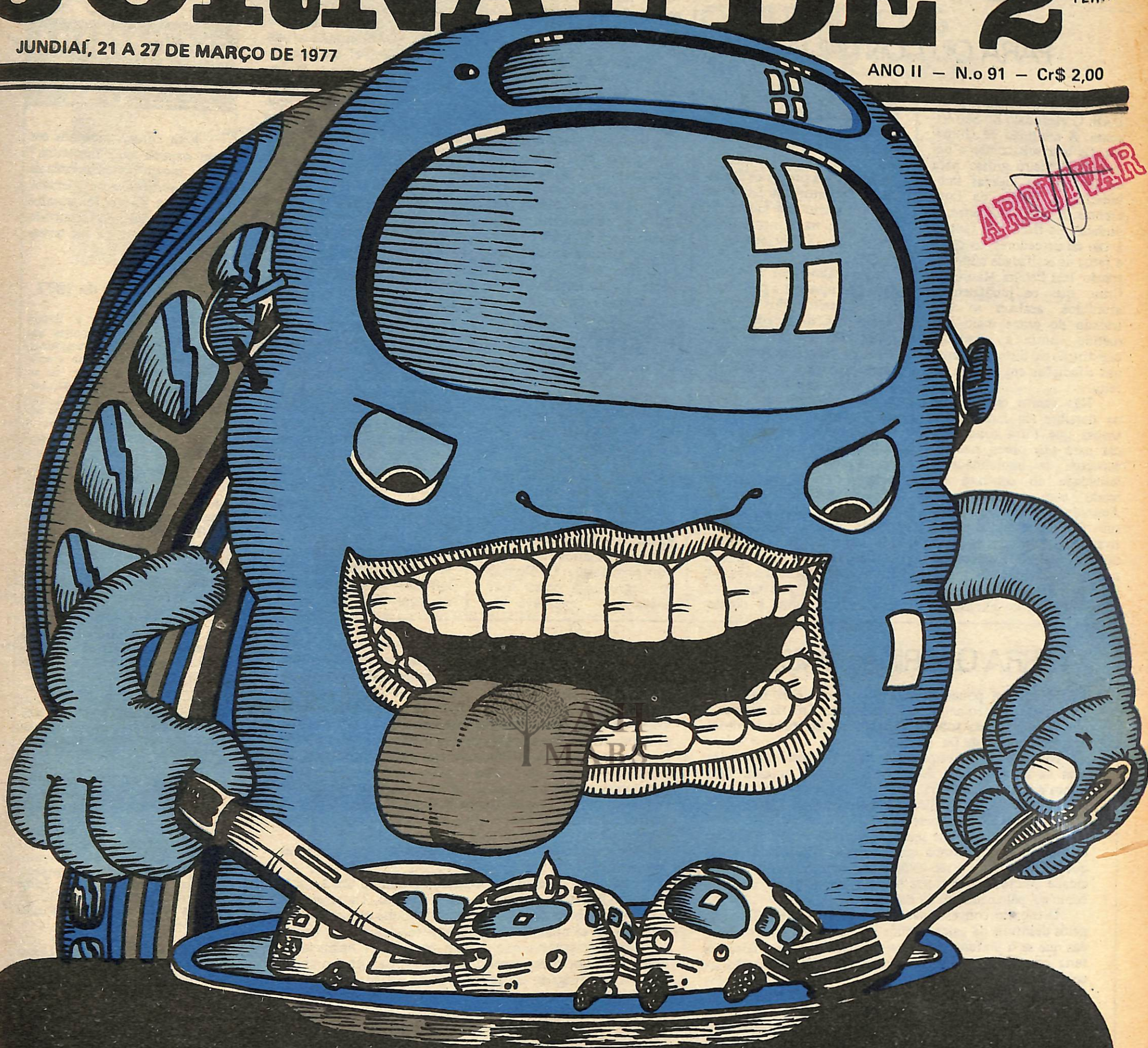


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 21 A 27 DE MARÇO DE 1977

ANO II — N.º 91 — Cr\$ 2,00



ESTÁ SE INSTALANDO UM MONOPÓLIO DOS COLETIVOS?

Pág. 8 e 9

IBIS, O HERÓI DE 7 MILHÕES DE CRUZEIROS.

Pág. 16

PÁRA OU CONTINUA?

A situação calamitosa do DAE. O escândalo do São Vicente. A multidão de chupestas. Os incríveis comes e bebes. O dinheiro grosso para os jornais. As jogadas imobiliárias. A fábrica da Concrebrás. A estrada da Serra. O dinheiro do INPS. São tantos, e tão estorcedores, os casos e fatos da malfadada administração Ibis Pereira Mauro da Cruz, que os jundiaenses, aturdidos, acabam se distraindo do crime maior cometido contra a cidade: a construção do Sistema Viário, nas condições em que ela foi feita.

Não vamos repetir aqui os detalhes da farsa monstruosa que foi a concorrência para tais obras, nem os aspectos de imoralidade e lesividade do contrato firmado com a empreiteira Andrade Gutierrez, para esse fim. O assunto já foi exaustivamente discutido por este nosso jornal. Queremos apenas lembrar que é muito simples a demonstração cabal e inofensível do imenso as-

salto praticado contra os cofres públicos: com os preços escandalosos da Gutierrez, pagou-se pelas obras mais do dobro do que teriam custado se realizados aos preços da Dersa ou da Prefeitura de São Paulo, ou mesmo aos preços da firma que, na concorrência, apresentou a melhor proposta!

Para alimentar a voracidade da empreiteira poderosa, o ex-prefeito Ibis Pereira Mauro da Cruz afogou o município em dívidas. 400 milhões de cruzeiros foram trazidos para cá e consumiram-se rapidamente no pagamento das faturas milionárias da Gutierrez. Com os juros e a correção monetária os nossos saldos devedores crescem a cada dia, como imensa bola de neve, e agora, vencidos os prazos de carência, começam a desabar sobre a cidade. E toda uma população sofrida, já duramente castigada com os impostos brutalmente aumentados, vai ter que arcar com mais essa carga insuportável e odiosa.

É justo isso? Pode uma população inerte sofrer pelos desmandos do seu ex-prefeito?

Poder-se-á alegar que foi, essa mesma população que elegeu, há 4 anos, o Sr. Ibis Pereira Mauro da Cruz, e que compete-lhe arcar com as consequências desastrosas de tal escolha. Mas, contra esse argumento, há a considerar que os abusos incriveis aqui cometidos transcendem, de muito, as dimensões e os limites do município. Não precisa ser muito esperto para perceber, nos atos relativos às obras do Sistema Viário, interferências muito mais importantes que as do nosso obscuro ex-prefeito.

Muito se tem comentado sobre a grande penetração e influência, nas áreas governamentais, da poderosa empreiteira Andrade Gutierrez. Isso se demonstrou à farta aqui em Jundiaí. O episódio da obtenção dos empréstimos foi de pasmar. Altos órgãos federais e a bancada arenista do Senado mobilizaram-se em peso para garantir o financiamento das obras contratadas a preços absurdos pela empreiteira privilegiada. Os dispositivos legais para coibir o endividamento excessivo dos

municípios foram acintosamente desrespeitados. A lógica e o bom senso deixaram de existir. As denúncias de todo o escândalo e imoralidade contidos no processo caíram em ouvidos moucos. Esqueceu-se a crise econômica que aflige a nação. Só uma coisa interessava: a vinda do dinheiro, a construção das avenidas de luxo, o superfaturamento da Gutierrez.

Como é que se explica tal comportamento? Que cor-deis foram movidos para que tudo isso acontecesse? Onde reside tamanha força, tão espetacularmente exibida pela empreiteira poderosa? Mistério indecifrável, pelo menos para nós, humildes e assustados espectadores de toda essa trama.

Uma coisa é certa: por tudo isso é que o povo jundiaense terá que pagar, e não apenas pelo erro de ter votado no ex-prefeito. Mas isso é revoltante. Não dá para aguentar. Não podemos assistir, passivamente e sem protestos, a esse triste espetáculo de toda uma coletividade sacrificada para que uma empreiteira poderosa, influente e protegida, possa se locupletar com seu lucro fácil e imoral. (F.A.O.)

EM CÂMARA LENTA

Esta coluna pretende ser uma espécie de "tira-teima" (slow motion) dos principais lances ocorridos no plenário da Câmara. Tanto dos grandes gols, como das jogadas duvidosas realizadas pelos srs. vereadores. Vamos a eles.

14 de março de 1977

Logo na saída, a leitura de 196 indicações, muitas das quais meramente demagógicas, sem qualquer chance de atendimento. Por exemplo, as do sr. José Rivelli pedindo água, luz, esgoto, iluminação pública, calçamento ou asfalto, telefone público e praça pública para o bairro de Ivoituruaia. Uma tentativa de gol olímpico.

Jogada irregular da administração e do Legislativo passados. A ex-Câmara aprovou um importante projeto do Executivo (alterando o perímetro do setor industrial 3), projeto assinado pelo oficial de gabinete general Coelho, arvorando-se em procurador de Ibis. O presidente Lázaro de Almeida flagrou e apitou impedimento.

Finta do vereador Duílio Buzzanelli. Partindo de um "Bafó" deste semanário, que denunciava um convite de engenheiros da Andrade Gutierrez ao vice-prefeito para "conseguir dinheiro em Brasília", o veterano edil subiu à tribuna para recomendar que não se percam essas oportunidades. "O momento é de agir imediatamente, porque são poucas as construtoras grandes no Brasil", foi o pelotão de Duílio Buzzanelli.

Escalada a CEI para apurar a "mordomia" na prefeitura e Câmara, durante a gestão passada. Zillo (presidente), Buzzanelli, Dorta, Ariovaldo e Rosa. Jantares de Cr\$ 20.000, e suvenirs da Bahia estão entre as denúncias da "mordomia".

Dentro do assunto, Lázaro de Almeida, papalinho na mão, mostrou à imprensa os gastos com combustível e lanches, nos meses de dezembro janeiro (mês de recesso) e fevereiro (já na sua gestão). Compare: combustível - Cr\$ 8.556 em dezembro, Cr\$... 5.465 em janeiro, Cr\$ 2.197 em fevereiro. Lanches: Cr\$... 21.288 em dezembro, Cr\$... 4.451 em janeiro, Cr\$ 4.746 em fevereiro.

Bancada contra bancada, pela primeira vez ao vivo. Arena venceu MBD por 9 a 5, na votação do projeto de José Rivelli pela criação da Comutran (agora Coordenadoria). Só que o projeto periga de ser considerado ilegal, pois cria cargos que podem onerar o Município. É possível que Fávoro vete a vitória da maioria teimosa.

Adiada por 15 dias a apreciação do projeto de aumento do funcionalismo. Tentar melhorar a situação dos funcionários "menores" foi a alegação unânime para o adiamento.

Vitória do MDB, ao defender a reabertura da CEI sobre merenda escolar cobrada de alunos, que o líder arenista queria arquivar.

Erazé

TERRA QUERIDA JUNDIAÍ

Ia eu, um pouco apressado, subindo pela Barão, (a principal), em demanda do campo santo. Queria depositar um ramo de rosas sobre o jazigo onde dormem saudosos os restos mortais de Da. Haydée.

Nunca pude me esquecer daquele hino que ela compôs nem da letra que lhe deu: "Terra Querida Jundiaí. Teus Filhos Amantes São de Ti..."

Ia assim, como já disse, um tanto apressado, devorando os quarteirões c'o ramilhete na mão.

Então foi que pude sentir, com muito orgulho, o valor da homenagem póstuma que eu estava tributando àquela que em vida tanto e tão galhardamente soube servir à nossa cidade. Muitos levam flores para Da. Haydée. Mas, ninguém como eu, pelo caminho da Barão.

O trânsito congestionado. Os passantes se equilibrando pelos desníveis da calçada onde são tantas as guias rebaixadas que se o prefeito mandasse rebaixar as poucas faltantes teria conseguido uniformizá-las através dessa inversão de comportamento.

Vocês não imaginam que "tour-de-force" para conversar intactas as imaculadas rosas que eu levava. Passando por baixo das escadas da Telesp, encontrando pelas esquinas as barraquinhas da cuja que me obrigavam a pular para a rua onde os "fominhas", mais apressados do que eu, passavam raspantes ventarolando os meus cabelos. Ao cruzar a Galeria Bocchino, um barrigudo, umbigo de fora como as "vetetes", abanava o meu nariz com um maço de bilhetes de

loteria. Prosseguindo, saí de novo do passeio, porque, ao longo, ambulantes assestados na calçada mercadejavam as suas quinquilharias. Voltando à calçada tive que descer de novo porque chovia um pouco e as calhas do Solar tombado gotejavam água suja por cima de minhas rosas. Logo adiante, filas intermináveis de sofridos aposentados se cumprimiam exacerbadas pela exaustão de espera à porta dos bancos. Híppies cabeludos e suarentos sentados no caminho obrigando a que todos se desviassem de sua tenda de araminhos amarelos, a par de grupos de nordestinos, eles exibindo ao sol as suas chagas pululentas, e elas, tetas à mostra sugadas por um fedelho, implorando por uma "caridade".

Mas, não há de ser nada. Eu chego lá, dizia para comigo mesmo.

E lá ia eu, cômico e obstinado, chutando um a um os sacos de lixo que o desleixo não recolheu. Tapumes e escombros também ziguezagueavam na minha caminhada. No refluxo do caminho eu levava cotoveladas e dava encontro nos transeuntes que faziam cara feia e balbuciavam qualquer coisa com respeito à minha mãe. Abri o colarinho como refrigerio ao calor, e pé na estrada contra tudo e contra todos, cheguei ao campo santo triunfante como um herói ao deixar o campo de batalha.

E ali, reverente, eu fiz minha oração:

Receba Da. Haydée, no protesto desta flores, o meu preito de admiração. Eu nunca pude me esquecer nem de seu hino e nem da estrofe que lhe dá motivo: "Terra Querida, Jundiaí. Teus Filhos Amantes São de Ti"...

V/2

OS ESPINHOS DO PREFEITO

Entre os espinhos que o prefeito Ibis Cruz atravessou na garganta do seu sucessor, está, junta a outras, a rua Vigário João José Rodrigues.

Aquela artéria, que se constitui na principal via de ligação entre a Vila Arens e o centro da cidade, em alguns trechos já sofreu, no curto espaço de um trimestre, dois recapeamentos asfálticos por sobre os paralelepípedos.

Mesmo assim continua erodindo a olhos vistos, mostrando já os interstícios que fazem junta entre as pedras. Esse defeito, entretanto, pode ser considerado como de menor importância se atentarmos à situação calamitosa em que se encontra o trecho que medeia a Ponte do Guapeva e a Avenida Dr. Olavo Guimarães.

Dito trecho não pode ser asfaltado porque as condições do terreno não estão favorecendo. Terra brejada, cobrindo uma rede de água totalmente apodrecida, exige um grande trabalho de saneamento para que possa suportar as melhorias que estão sendo requeridas.

Lembra-se que em meio do ano transacto o ex-prefeito

conseguia levantar um empréstimo de 70 milhões de cruzeiros destinados à pavimentação de ruas.

Pelo que se adianta, ao sair, deixou comprometido, sem saldo, todo o serviço que ficou por acabar. Atacou o asfaltamento em zonas sáfaras e desertas, mas deixou de atender ruas de grande movimentação de veículos e pedestres como acontece com a rua Vigário.

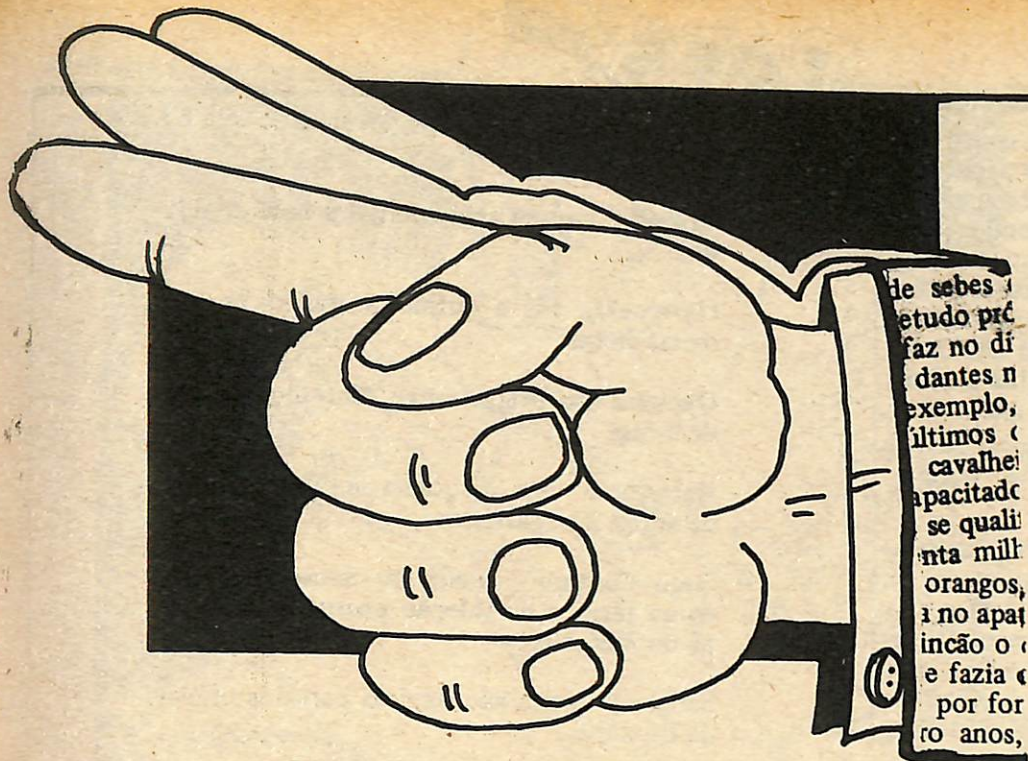
E agora, como ficamos?...

O novo prefeito não tem dinheiro para atacar, de momento, a pavimentação nas ruas mais necessitadas, enquanto os juros do famigerado empréstimo vão corroendo os recursos do erário com a mesma voracidade com que vai a erosão carcomendo o asfalto sobre a base falsa dos paralelepípedos.

Os 70 milhões de cruzeiros, segundo anunciou o ex-prefeito, deveriam cobrir com asfalto cem quilômetros de vias públicas. Ao que se sabe, não mais de 20 por cento dessa previsão foram realizados.

Essa é, como dissemos de início, uma amostragem dos espinhos que a administração passada deixou na garganta do novo prefeito.

Elcio Vargas



Opinião pessoal

Fora de brincadeira, eu acho que a imprensa diária jundiaense está, realmente, vivendo uma nova era — off set à parte. Tanto assim que até opiniões ela está omitindo, coisa de que o público leitor mais exigente estava se ressentindo, pelo menos durante os últimos três anos.

Que explicação se dar ao fato? Talvez seja porque agora, distanciada das poludas verbas oficiais com a qual era agraciada, via publicação de atos oficiais, anúncios vistosos em centímetro de coluna e até mesmo orçamentos municipais em escala gigante (páginas e páginas de papel ofício ampliadas para páginas do jornal) talvez agora ela possa, finalmente, dizer o que pensa (o que está longe de significar coisa aproveitável). Com isso, os leitores têm oportunidade de saber as opiniões dos responsáveis pelos diários que lêem — afora o “faturar é preciso”.

Com relação ao “Jornal da Cidade”, por exemplo, o leitor sabe agora que o diário somente toma posições (positions, em inglês), ou em questões universais que de modo algum possam lhe trazer consequências mais sérias, ou em questões sumamente particulares, quando o calo dos responsáveis é, de alguma forma, pisado. Isso o leitor sente: a) nos editoriais, que combatem erudita e corajosamente a Corrupção (genérica), a Imoralidade (genérica), o Poder Econômico (genérico), enfim, todo o Mal, genericamente; b) nos desabafos dos proprietários, quando o deles está em jogo (basta ver a fúria garatujada com que o jornal anda combatendo a administração que anulou a compra do terreno da sua editora, realizada no último dia do governo-amigo anterior).

Como, meu senhor? Isso não é jornalismo? Concorro. Por isso, vamos ao que interessa, o “Jornal de Jundiaí”.

Com em todo começo de administração municipal, o “JJ” está equidistante, divulgando notícias imparcialmente, informando o leitor, enfim. E mais: anda opinando (nesse sentido, a seção “N.R.” foi um bom passo dado pela redação — dando responsabilidade aos redatores, mas dando também a chance de dizerem o que pensam, paralelamente à linha do jornal).

Mas, na hora de opinar, a função de jornalista exige um quesito fundamental: estar bem informado. Porque desinformado ele, ou toma posições apaixonadas e nem sempre verdadeiras, ou, na melhor das hipóteses, torna-se um ingênuo-útil que desserve ao leitor, mostrando a superfície da coisa analisada e deixando de esclarecer as causas mais sérias daquilo que está comentando.

Um exemplo de desinformação que acaba deformando a coisa comentada aconteceu domingo atrasado, dia 13, quando o jornalista Geraldo Gomes Gattolini, em artigo intitulado “Para onde nos levam os inquéritos?”, depois de historiar os poucos resultados advindos das Comissões Especiais (e Parlamentares) de Inquérito realizadas ao longo da nossa vida política, chega a Jundiaí e afirma: “Se houve desvio de recursos no Hospital São Vicente, que seja apurado com rigor. Mas achamos que o caminho da Comissão Especial de Inquérito é o menos adequado”.

Responda, sr. Gattolini: o que, neste país, de uns anos para cá, é adequado para apurar a corrupção nos órgãos oficiais?

A denúncia através da Imprensa? Mas ela se borra de medo da Censura. Ou, pior ainda, castra-se em auto-censura (veja exemplos na coluna “Jornal dos Jornais”, de Alberto Dines, publicada na “Folha de S. Paulo” do mesmo dia em que ser artigo foi publicado).

A tomada de posição das “forças vivas”? Ora, elas estão arredondando os seus traseiros, sentados diante dos litros de scotch, no único instante de lucidez de suas cucas preocupadas com o “viver em paz”.

Na verdade, sr. Gattolini, existe um único instrumento cuja eficiência ninguém discute nesta terra de Nosso Senhor. Ele me repugna. E, ao que parece, não lhe está sobrando tempo para punir administradores corruptos (basta correr os olhos pelos jornais e ver as barbaridades que os novos prefeitos estão encontrando como herança, na maioria dos casos — ou talvez por isso mesmo — deixada por companheiros de partido).

Insurgir-se contra as Comissões Especiais de Inquérito é, na melhor das hipóteses, uma triste ingenuidade, sr. Gattolini. Mesmo precárias, elas ainda são o recurso democrático que resta aos nossos legisladores. Quando à deformação que elas possam sofrer, devido a “interesses políticos ou eleitorais” dos seus componentes, cabe a gente com o senhor, participante do 4.º Poder, vigiar atentamente e cair de pau nesses homens, cada vez que se distanciam delas. Ou, em outras palavras, semântica bem informado a respeito daquilo que os membros dessas Comissões estão fazendo.

Dá um pouco mais de trabalho do que teorizar diante de uma máquina de escrever. Mas Democracia dá trabalho mesmo, sr. Gattolini.

Erazê Martinho

OS TROPEÇOS DO NEGOCIADOR

Para um político experimentado, reconhecido como um dos mais hábeis articuladores do MDB e por muitos considerado o principal negociador do partido, o deputado federal Thales Ramalho (MDB-PE) tem sofrido tropeços que, se não desmetem, pelo menos abalam seriamente essa sua fama.

Pois logo depois de sua fracassada campanha em favor da reeleição de Laerte Vieira para a liderança do MDB na Câmara, Thales conseguiu desagradar até mesmo seus companheiros mais moderados ao propor inesperadamente que a Executiva nacional do partido visitasse o presidente da República para hipotecar solidariedade ao governo, na questão com os Estados Unidos sobre ajuda militar e direitos humanos.

O entusiasmo do governo com a proposta foi tão grande quanto a imediata desaprovção de praticamente todos os setores do MDB.

Irritado, Thales Ramalho chegou a dizer: “Olha aqui, essa gente precisa saber que o que eu quebrei no acidente de automóvel foram as pernas, e não a cabeça”.

Com isso, o secretário geral do MDB queria dizer que não agiu motivado por qualquer ingênuo entusiasmo de momento. Pelo contrário, tinha motivos e objetivos definidos.

No entanto, a pior consequência do episódio, para a imagem do político Thales Ramalho, foi a sua qualificação de adesista, lançada por alguns setores mais irritados do partido.

Seria mesmo o secretário geral — discípulo e admirador de políticos do nível de Tancredo Neves — um adesista, como Chagas Freitas e seus seguidores fluminese?

Na verdade, tirar essa conclusão do episódio é um raciocínio no mínimo simplista.

Seria o mesmo que dizer que, no caso, o MDB se ofereceu ao governo, sem levar em consideração que a maioria do partido oposicionista agiu de maneira exatamente contrária.

Isto é, qualquer conclusão exige uma análise do episódio em seu contexto e em todos os aspectos.

Em primeiro lugar, seria preciso lembrar que Thales Ramalho é um ex-presidente, formado na escola dos melhores políticos mineiros, que não dá ponto sem nó. Portanto, um homem acostumado à política de concessões mútuas, do tomalá-dá-cá, dos avanços e recuos.

A partir daí, o passo seguinte seria a pergunta essencial: qual o objetivo da proposta de Thales?

Através de pessoas mais chegadas ao secretário-geral, soube-se que seu raciocínio era este: recebida a Executiva nacional do MDB pelo presidente da República, para um encontro formal e oficial, em que a Oposição prestaria sua solidariedade pública a uma decisão do governo, teria o MDB dado uma eloquente demonstração de que coloca os interesses nacionais acima dos partidários.

Com isso, ficaria na condição de credor do Sistema ou, no mínimo, teria aberto uma brecha da sólida muralha de desconfiança que ameaça, mais uma vez, o MDB de chegar ao comando de governos estaduais.

Adesismo puro e simples?

Não, apenas estratégia e tática. Um jogo de xadrez.

O problema é que Thales Ramalho tropeçou em uma peça que não viu no tabuleiro, ou à qual não deu importância: a Oposição certamente pode ceder em muitos pontos, mas nunca violentar sua consciência e seu programa. E a questão dos direitos humanos tem sido a viga mestra de sua luta.

Se tivesse feito a proposta enquanto as divergências entre Brasil e Estados Unidos se restringiam ao acordo nuclear com a Alemanha, talvez o secretário-geral tivesse sido bem sucedido. Mas ele não viu, ou deixou passar a oportunidade. Deu o lance no momento errado e de maneira errada, o que, no xadrez e na política, é quase sempre fatal.

Além disso...

TAREFA

Do comandante do I Exército general Araújo Rabelo, aos oficiais do 2.º Regimento de Cavalaria de Guarda, durante uma visita à Vila Militar: eles devem dedicar-se cada vez mais à tarefa de instrução e comando da tropa, sem maiores atenções para os problemas sociais, políticos e econômicos do País, entre estes o do consumo da gasolina.

PROPAGANDA?

Algumas pessoas estão recebendo da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado grandes agendas coloridas e ricamente impressas. Junto, um cartão com os cumprimentos do secretário Ruy Silva.

Como agendas, talvez sejam úteis. Como propaganda do turismo no Estado de São Paulo, servirão muito pouco, praticamente nada. Mas servem perfeitamente para lembrar que a Presidência da República tem emitido circulares frequentes, recomendando aos órgãos da administração pública que evitem gastos desnecessários com luxuosas — e quase sempre inúteis — publicações desse tipo.

MORDOMIAS

A Comissão Especial de Inquérito da Câmara (constituída por Ellio Zillo, Ariovaldo Alves, Lázaro Rosa, Lázaro Dorta e Duílio Buzanelli) para apurar as mordomias da antiga presidência da Câmara, e do gabinete do ex-prefeito, vai ter bastante trabalho. Na sala do dr. Renê Ferrari, secretário de Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura, há imensas pastas contendo uma vasta coleção de notas fiscais das mais estranhas. Desde ricos jantares com lagosta no Hilton Hotel, notas de compra de uísque estrangeiro, estranhos gastos com gasolina numa viagem de avião e até compra de souvenirs baianos.

"Aquele jogo foi tão ruim que o homenageado, cujo nome fora dado à taça comemorativa, negou-se no fim a entregá-la à equipe vencedora. Levou-a para casa, à guisa de indenização". (José Inácio Werneck, *Jornal do Brasil*)

"O brasileiro é, regra geral, um acomodado. Tiro por mim. Sempre que podia, dava uma de 'migué' e me mandava dos treinos no Palmeiras. Se continuasse com essa mentalidade, na Europa, teria voltado no mês seguinte". (Luís Pereira, jogador do Atlético de Madri e da Seleção do Brasil)

"Não sei o que significa alma, mas é uma palavra que se usamuito sem saber o que ela representa realmente. Mas é uma coisa que, permita-me chamá-la por ora de 'alma', projeta algo. Projeta algo que eu sinto, sinto que está acontecendo. De repente, essa coisa põe o público em minhas mãos. Sinto-os todos ali. Posso fazer qualquer coisa. Posso segurá-los com uma pequena nota no ar... eles deixarão de respirar porque estão à espera do que virá depois, sabe, o que virá na música. Esse é um grande, grande momento. Nem sempre ocorre, mas, quando ocorre, é um grande momento em nossas vidas". (Arthur Rubinstein, 90 anos, pianista)

"O basquete é a coisa que mais gosto na vida. Mas, sei, não vou viver sempre dele. Por isso, penso muito nos estudos e na minha futura profissão. Minha família tem boa situação financeira, o que me permite uma vida tranquila. É muito bacana ser escolhido como o melhor do campeonato, mas pretendo ser bem mais do que um simples jogador de basquete. Bacana mesmo é ser alguém na vida". (Marcel, considerado o melhor jogador de basquete do último Sul-Americano)

"Se eu fosse uma autoridade, construiria três grandes pavilhões na cidade: um para crianças, no Jardim Tamoio, um para homens, na Vila Hortolândia, e um outro para mulheres, na Cristo Redentor. Lá eu escolhia todos os necessários. Todo mundo trabalharia. Todas as verbas oficiais para assistência seriam destinadas a esses três pavilhões. Você ia ver que não ia ter mais desocupado na rua". (Dona Elisa Sartori, tesoureira da União Espírita Jundiense)

"O amor é uma riqueza que não se vende, não se compra, só se dá". (Jornal de Jundiá, 11/3)

"O inspetor Oscar Alves dos Reis, que relata o episódio, gostaria de uma explicação do vereador: se os guardas estavam de serviço não competia ao presidente da Câmara resolver onde eles deveriam permanecer, pois isso é da competência exclusiva do comandante da Guarda; e se eles estavam lá como simples cidadãos, tinham o direito de permanecer nas dependências reservadas ao público. Então, por que a expulsão?". (Jornal da Cidade, seção "Diz-que-Diz, assinada por "Don Casmurro" (???) 13/3, para entender do que se trata, leia nota abaixo)

"Na última sessão da Câmara, a anunciada presença do diretor da Faculdade de Medicina para esclarecer dúvidas dos vereadores levou à caso um número enorme de estudantes. A certa altura do diálogo, o presidente da Câmara, vereador Lázaro de Almeida, notando que havia um policiamento maior do que o habitual, interrompeu a fala do prof. Bacila e pediu ao diretor administrativo da Câmara que dispensasse o excedente de policiamento, afirmando que aquela era uma reunião democrática, e que ele confiava nos estudantes ali presentes. O policiamento foi dispensado e, de repente, uma estrelinha da democracia brilhou no céu. Parabéns, Arquimedes". (Jornal de 2a, 14 a 20/3)

Carraspana foi um cruel governante que bebia o sangue do povo.

Trípoli é um petisco oriental à base de miúdos.

Giovenezza foi a primeira italiana a usar meias pretas.

Querelas são brigas entre pintinhos de mais de 3 dias.

Rameira é uma pequena moita que serve de abrigo a namorados.

Gago Coutinho substituiu Sacadura Cabral como técnico da seleção portuguesa, na Copa do Atlântico.

Sangre y Arena são os dois partidos oficiais da Espanha.

Open Market é uma cadeia de lojas que só vende canetas.

Kruschev é um refresco russo que concorre com a Coca-Cola.

Pocket Book foi um escritor inglês que punha os outros no bolso.

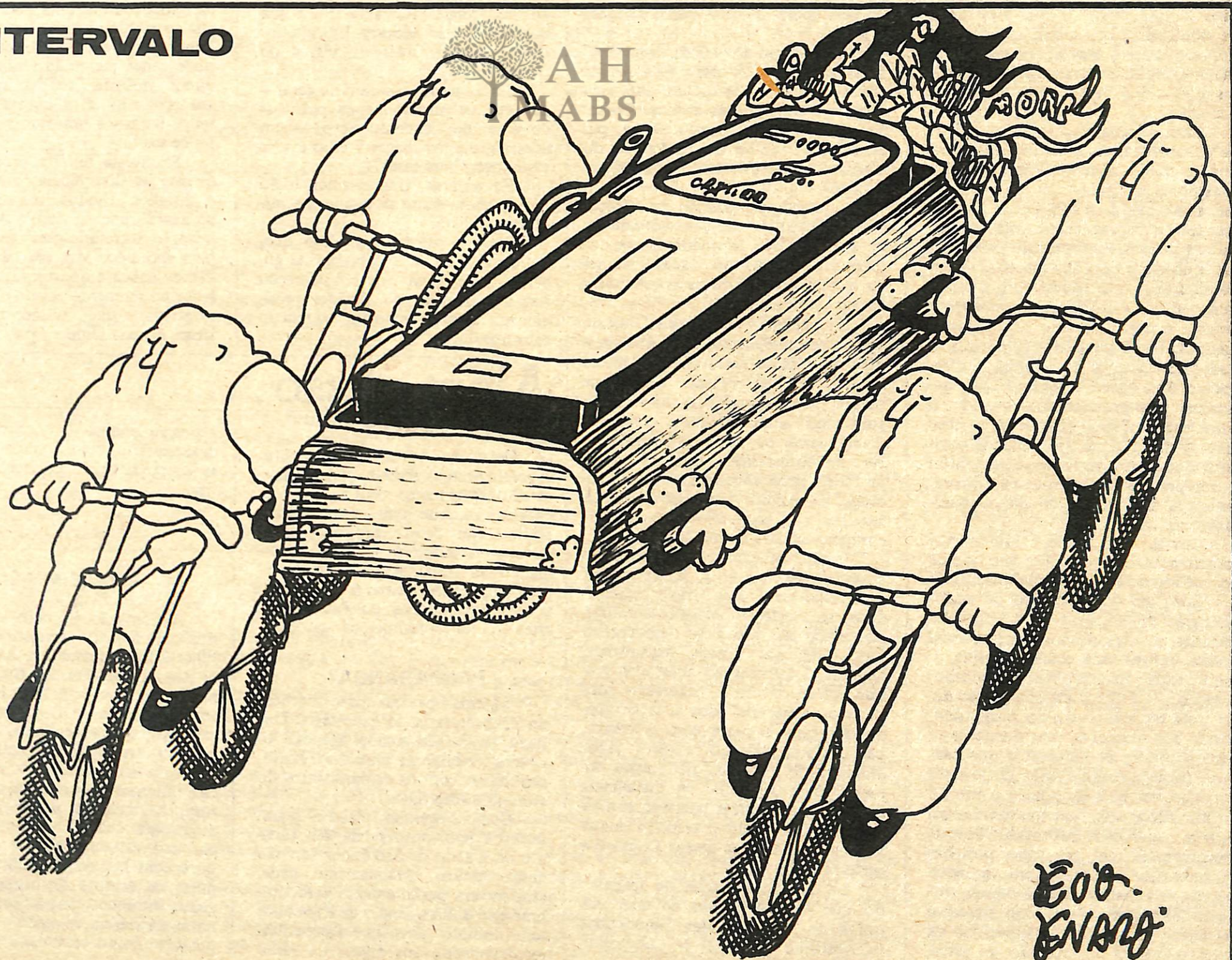
Pentagrama foi o único halterofilista grego a sagrar-se seis vezes campeão olímpico.

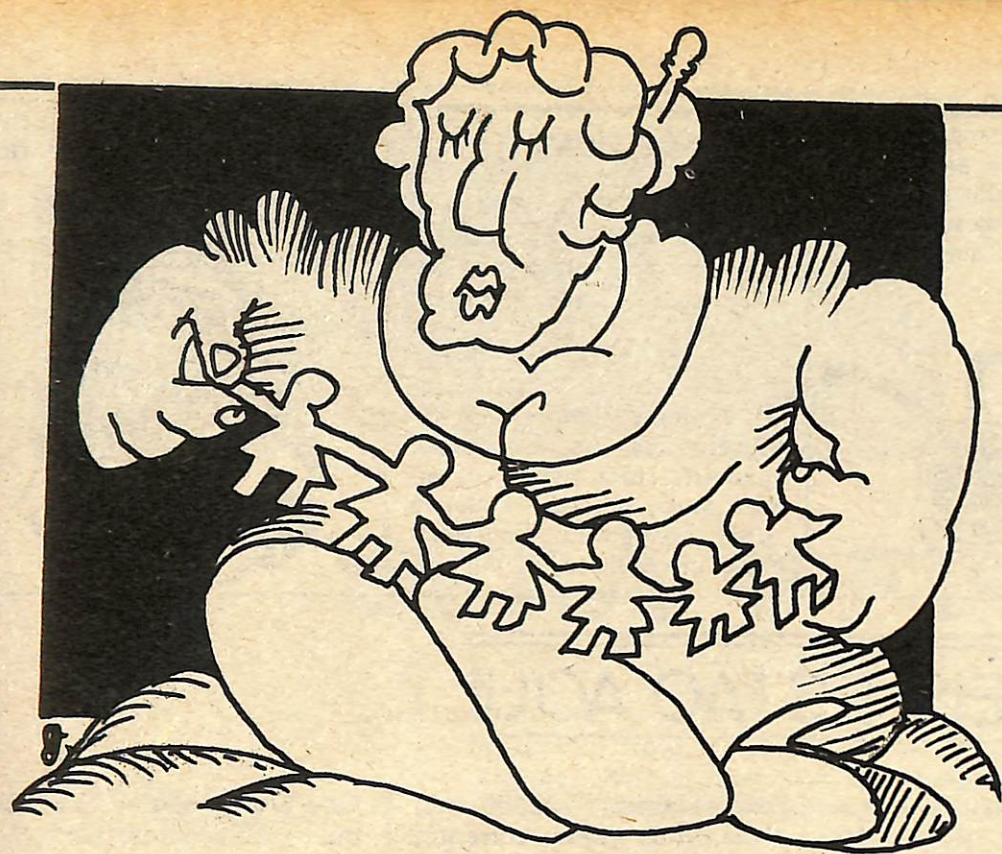
Watergate é uma expressão inglesa que significa gato escaldado.

Bhering foi um navegador de mentalidade estreita.

Zarteu

INTERVALO





Cucarachas

Mulheres de todo mundo, uni-vos. Nada tendes a perder a não ser o vosso creme rinse.

Esse foi o lema do I Encuentro Latino Americano de la Mujer Emancipada, que se realizou em segredo na cidadezinha guatemalteca de Inchagosteguy, na semana em que se comemorou o dia Internacional da Mulher, dia este saudado com pompa e circunstância tanto pelo "Maria Quitéria", panfleto liberacionista, quanto pela grande imprensa.

A prova do que as mulheres estão mesmo empenhadas numa campanha sangrenta pela sua liberação está no discurso de abertura que Maria Dolores de La Cuesta Ancha pronunciou no encontro de Inchagosteguy, reverenciando a memória da célebre sufragista norte-americana do século passado, Mary Poppins Smith, que se celebrou por quebrar, com o cabo de sua sobrinha, a cabeça empedernidamente chauvinista do redator-chefe do "The Massachusetts Daily Chronicle", em meados do século passado, num episódio que a história liberacionista registra como "the big umbrella day".

As mulheres latino-americanas (e as observadoras estrangeiras, que compareceram ao evento por sua conta e risco, como a astronauta soviética Valentina Mikailova, barrada na entrada e obrigada a dar provas de sua feminilidade), discutiram a variada gama de seus problemas, num recinto ornamentado por grandes posters de Rosa de Luxemburgo, Maria Félix, Jane Fonda e Linda Lovelace, e ao final de uma semana de discussão, chegaram a um consenso para a elaboração de uma Carta de Princípios, onde fixaram as suas reivindicações básicas.

É bem verdade que as discussões estiveram por vezes a ponto de ser um pouco acaloradas, e chegaram a proporcionar cenas pouco elegantes, como quando as delegadas de Costa Rica puxaram até desgrenhar totalmente os cabelos das liberacionistas panamenhas, que apresentaram um protesto formal à mesa diretora de trabalho, exigindo indenização pelo mísero-plotis destruído. A mesa, presidida por uma cortadora de cana cubana, e secretariada por uma voleibolista venezuelana e uma arremessadora de dardo equatoriana, não só rejeitou o protesto da delegação panamenha, como também conteve, a custo de arranhões, a arremetida das indignadas liberacionistas do Canal. Durante os trabalhos do Encuen-

tro, o plenário rejeitou, por absolutamente impertinente, uma moção apresentada pela delegada mexicana Dolores Maria del Carmen y Carmen, sugerindo um voto de congratulações ao ator norte-americano Robert Redford "por sus lindos ojos claros y su perfil greco-romano". Em sinal de protesto pela rejeição de sua moção, a delegada mexicana atirou-se nua na piscina municipal de Inchagosteguy, provocando um escândalo sem precedentes na pequena cidade guatemalteca, e um ajuntamento de homens que só teve paralelo na história da cidade na época em que os reservistas foram convocados para uma guerra contra Honduras, guerra essa afinal cancelada por falta de motivo justo.

As discussões em plenário, começaram logo no primeiro dia de trabalho do I Encuentro. Formaram-se, desde logo, duas tendências bem definidas, que os observadores batizaram como autenticonas e moderadazas, as primeiras obviamente interessadas em estabelecer um *modus vivendi* razoável com o inimigo comum das liberacionistas — o homem — e as segundas mais propensas a manter o status quo — ou seja: amar e reverenciar o inimigo até o fim de seus dias.

Ao final dos conchavos gerais entre as suas alas, fixou-se uma plataforma comum, e com base nesse entendimento elaborou-se La Carta de Principio y Reivindicaciones de La Mujer Emancipada, que vem a ser a seguinte:

- 1 — lutar pela diversificação dos produtos nas prateleiras das supermercados;
- 2 — exigir da indústria de eletrodomésticos a diversificação nas cores de seus produtos, mormente das geladeiras, que têm sido invariavelmente brancas, ou azuis, ou vermelhas;
- 3 — solicitar a seus respectivos governos incentivos fiscais para aumentar consideravelmente a produção de rímel;
- 4 — exigir a obrigatoriedade do uso do cinto de castidade às empregadas domésticas com menos de 35 anos, e das babás com mais de 13;
- 5 — solicitar a contenção de preços da indústria de cosméticos;
- 6 — exigir a aplicação de rigorosas normas de segurança na fabricação de panelas de pressão, enceradeiras e ferros domésticos.

O Encuentro encerrou-se ao som de "La Cucaracha".

Sandro Vaia

PLANTÃO

Permita-me descarregar toda a minha ira em torno de um incrível caso de corrupção, que se desenrolou em São Paulo, desde princípio de 1970 até o dia 15 de março de 1977.

Primeira fase: com o pomposo nome de Creauto — Administração e Empreendimentos S/C Ltda — uma firma que anunciava financiamento de veículos instalou-se na Capital. O negócio prosperou, o pequeno escritório foi transformando em quatro escritórios, um deles faraonicamente instalado na rua Barão de Itapetininga. Desde o começo, os responsáveis pela Creauto caracterizaram a sua existência: aproveitar-se da ingenuidade das pessoas e aplicar o conto do automóvel.

Segunda fase: já em 1971, a Creauto não enganava ninguém. Rapidamente, o número de inquéritos policiais subiu para 175, as vítimas eram mais de 500. E, com suas alquimias, o advogado Bialski conseguia contornar a situação, modificando constantemente a razão social da "arapuca" e chegando ao extremo de desquitar-se amigavelmente da esposa e colocá-la como "testa de ferro" daquele negócio altamente rentável.

Terceira fase: a Creauto não convence a ninguém. Cinco mil vítimas. Então, nada menos do que 37 inquéritos policiais desaparecem do Fórum. Isso mesmo: desaparece. E tudo fica em pizza, porque nada é apurado, apesar da sindicância — "rigorossíssima", como sempre. Mas o ladrão de inquérito (obviamente interessado nos dramas da Creauto, porque processo em cartório é o que não falta) acabou tendo um sucesso inútil, pois a Polícia reconstituiu todos os inquéritos, mesmo porque desconfiava que coisas estranhas poderiam acontecer. No último dia 15, o juiz da 7a. Vara Criminal interdita os escritórios da Creauto e determina a dissolução da sociedade civil.

II

Expostos os fatos, vamos à sua análise: cada vez mais eu me convenço de que os criminosos que causam prejuízos mais vultuosos, em termos de crise contra o patrimônio, não são aqueles que nos apontam uma arma e nos levam tudo o que temos no momento.

Estes, além de levarem o nosso dinheiro ou objetos de valor e de nos assustarem muito com suas armas (que por vezes também acionam) não merecem a menor complacência, quando capturados. Em juízo, também os 5 anos e 4 meses para cada infração ao artigo 157 do Código Penal (roubo à mão armada) são implacáveis.

Até aí, tudo razoavelmente bem, dentro do princípio dura lex sed lex.

Então, chegamos ao ponto: como se epícaro tamanho rigor e, em contraponto, tamanha complacência?

III

Todos são iguais perante a lei, diz a máxima. E o caso da Creauto serve apenas para exemplificar: durante mais de 6 (seis!) anos, seus crimi-

nosos diretores consumiram todas as economias, todas as posses de pessoas que ingenuamente acreditaram nas suas promessas. A Creauto nunca entregou automóveis para ninguém. Quando acontece qualquer coisa na Polícia, é um escândalo. Quando desaparecem inquéritos na Justiça, dificilmente se responsabiliza alguém.

IV

É por isso que temos que prestar muita atenção nessa cena, que aconteceu na semana retrasada, dentro do Palácio de Tênis. Uma senhora — preta, pobre, viúva e semianalfabeta — procurou um meretíssimo.

A mulher estava estupefata. Ela é a mãe de um menino que morreu afogado numa lagoa porque um estúpido vigia particular da Sabesp impediu — apontando seu revólver — que qualquer pessoa se aproximasse para salvá-lo. Preso em flagrante, o vigia permaneceu muito pouco tempo no cárcere: sua prisão foi relaxada. E a mulher, na sua inocência e pureza, pretendia que alguém lhe explicasse, nos corredores do Fórum: "soltaram o assassino de meu filho porque sou pobre, preta ou viúva?"

A mulher não recebeu explicações convincentes (quem poderia dá-las?) Verba volant, scripta manet. As palavras da mulher já foram esquecidas mas o que disse deve ser escrito, acredito, para que a gente possa conceituar melhor o que vem a ser justiça.

V

É por isso que a forma de white collar crime, ou crime do colarinho branco, merece cada vez mais a atenção de nossas autoridades policiais e judiciárias. Se a lei é igual, a cadeia também deve ser para todos.

Mas, o que vemos, na prática, é algo que nos preocupa. Obviamente não se pode generalizar isso, pois é grande — graças a Deus — o número de magistrados que agem de acordo com a determinação de sua consciência e não de acordo com determinados interesses.

De qualquer forma, causa-nos náuseas ver um Docu numa clínica, glamorizando um assassinato, e verificar que centenas, na sua mesma situação, estão no cárcere sem privilégio algum; quase desacreditamos nos valores éticos e morais quando vemos uma mulher como Elza Leonetti, que matou um e é acusada de matar outro, esperar tranquilamente o dia do júri que certamente vai demorar, enquanto outras...

(Pessoalmente, não vejo diferença alguma entre o assaltante que nos aponta uma arma e o ladrão, tipo diretor de Creauto, que lesa centenas de pessoas).

Existe uma diferença: aquele está na cadeia, considerado periculoso, de acordo com os exames biotipológicos; este, anda normalmente pela cidade, é recebido pela sociedade, e aceito como gente bem, e ninguém ousa chamá-lo de ladrão. Mas não passa disso: ladrão.

Percival de Souza

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

434.8648



ZONA FRANCA

INCRÍVEL! (I)

Sr. É verdade mesmo que o Ibis Cruz é diretor financeiro do Paulista? Mesmo depois do que ele fez com o dinheiro da torcida, nos quatro anos de sua administração? Incrível! Paulo Mário Mendes

É um caso típico de cabrito vigiando horta, hein Paulo? Mas é a verdade, nada mais que verdade. J uramos.

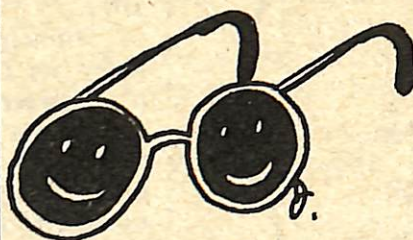
INCRÍVEL! (II)

Sr. É incrível e emocionante a palavra de confiança em si demonstrada pela srta. Francisca, na entrevista sobre o Instituto dos Cegos.

Pessoas assim são um exemplo espetacular de quanto pode o ser humano, quando não se rende às dificuldades da vida. Zélia M. Oliveira.

É verdade, dona Zélia. E como a Francisca existem

muitas outras pessoas que dão trabalho à bruxa, antes de se entregarem. Realmente incrível, e por isso mesmo admirável, a atitude dessa gente.



GO HOME!

Sr. Que besteira foi essa que deu no Erazê Martinho de escrever a sua coluna em inglês. Acho que... Dorival Lemos.

Tá bem, tá bem. O Erazê promete nunca mais escrever em inglês. Aliás, qualquer coisa escrita em inglês anda pegando mal, na atual conjuntura. Enquanto isso, disco de rock tá ven-

dendo que nem pão quente. That's Brazil. Dory Boy.



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suíte, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suíte, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. **Oferta Ribeiro**

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suíte e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Centro - Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suíte, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitchchen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. **Oferta Ribeiro**

Jardim Cica - Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suíte, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 **Oferta Ribeiro**

Próximo ao J umbu: Sobrado: Contendo 3 quartos, sala, copa-cosinha, salão de festa, abrigo. Aceita-se troca com imóveis de menor valor. Pode ser financiado **Oferta Advocacia Predial**

Jardim Cica - Casa - Contendo 2 quartos, sala, copa-cosinha, entrada p/ auto, jardim. Preço joia. Pode ser financiado. **Oferta Advocacia Predial**

Rua da Padroeira - Casa - Contendo 1 quarto, sala em "L", copa-cosinha, banheiro, abrigo. Preço: Cr\$... 300.000,00. Pode ser financiada. **Oferta Advocacia Predial**

Jardim da Serra - Terreno - Prolongamento do Jardim Ana Maria, loteamento classe "A", com 365 m2. asfalto e com todos melhoramentos. Entrada de 60.000,00 e saldo em prestações mensais. **Oferta Advocacia Predial**

Anhangabau - Casa - Contendo 2 quartos, sala, copa-cozinha, banheiro, lavanderia, quintal, possível abrigo. Preço: Cr\$ 360.000,00 com facilidade. Pode ser financiada. **Oferta Advocacia Predial**

Cr\$ 1.200 mil - Chácara Urbana - Com 3 quartos com armários, sendo 1 tipo suíte, com banheiro, mais 2 banheiros completos, sala de estar e jantar em "L", sala para TV com lareira, escritório, copa, cozinha com armários, forno, fogão Kitchen e exaustor; hall social, dep. empregada, abrigo para diversos carros, lavanderia, terraço, jardins, etc. Acabamento de primeira,

acarpetada, azulejada, aquecimento central a gás, etc. Pode ser financiada. **Oferta: Itupeva**

Cr\$ 1.300 mil - Parque do Colégio - Em estilo colonial, com finíssimo acabamento, de ótima construção, em terreno estaqueado. Nova, com 3 quartos com armários centrais, sendo 1 tipo suíte, banheiro triplex, banheiro social, sala de estar com lareira e piso de peroba rosa, sala para TV e jantar, cozinha com armários, exaustor, forno e fogão kitchens, abrigo para 2 carros, lavanderia fechada com armário, jardins, bom quintal, dep. de empregadas, aquecimento a gás etc. Pode ser financiada. **Oferta Itupeva**

Cr\$ 1.000 mil - Vila Progresso - Térrea, com 3 quartos com armário, sendo 1 tipo suíte, banheiro social, sala de estar ampla em "L" copa e cozinha, dependência de empregada, lavanderia, salão de festas, abrigo, etc. Casa nova, em fino acabamento. Alto da Vila Progresso, próximo a Dubar. **Oferta: Itupeva**

SÍTIOS E CHÁCARAS

Mogi-Guaçu - 1.00 m2 fazendo fundos com o Rio, ótimo para pescar, local de muitos peixes, inclusive um bote para pescaria, casa com 3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, toda mobiliada, televisão, jogo de boccie, bilhar, abrigo para 2 carros e diversos pés de frutas, a 300 metros do asfalto. Preço: Cr\$ 300.000,00 de preferência faz permuta com terreno na Vila Arens. **Oferta Ribeiro**

Engordadouro - com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de ocasião. **Oferta Ribeiro**

Jundiá-Mirim - 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia. Ape- nas a 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00 **Oferta Ribeiro**

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suíte vestíbulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$ 1.800.000,00 **Oferta Central de Imóveis**

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Casa de Campo - Cr\$2.500 mil - Maravilhoso sítio, com 2,5 alqueires, de topografia muito bonita, com 5 nascentes, 2 lagos, 1 bosque de pinheiros, 1 casa-sede com 4 quartos amplos, sala de estar, sala de jantar, 3 banheiros, cozinha, varandas e garagem; 1 casa de caseiros, com 3 quartos, sala, cozinha e banheiro; piscina com 65.000 litros, com filtros e bombas, vestiário, quadra de futebol de salão, 1 barração com churrasqueira, 1 barração para depósito, 2 estábulos, 5 cavalos, com luz mercúrio, pomar, 5000 pés de eucaliptos, jardins etc. Porteira fechada. **Oferta: Itupeva**

Chácara - Cr\$ 150 mil - Com 5.000m2, plana, com luz, só terra, muito bem localizada, no perímetro urbano de Itupeva, no loteamento Guacuri. Ocasão. Estude-se pequena facilidade. **Oferta Itupeva**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

RIBEIRO IMÓVEIS

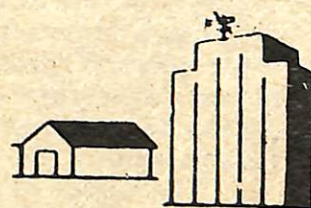
administração e venda

rua Maí. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA - VENDE - AVALIA.
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.



SERÁ O FIM DA CRISE?

Para o secretário, a solução ideal.

Para o dr. Eugênio Ferrari, secretário municipal da Saúde, o convênio assinado com a Faculdade de Medicina de Jundiaí foi a melhor das soluções para todos.

— O Hospital universitário — diz ele — é o melhor que se pode ter. Através do convênio, estaremos oferecendo a Jundiaí um hospital de alto padrão.

O texto do convênio assinado na última quarta-feira, segundo o dr. Eugênio, é muito bom porque, acima de tudo, “é um texto institucional, que fixa princípios doutrinários”. Um dos elementos doutrinários que ele considera mais importante, é a fixação do princípio da autonomia universitária, o que evitará, definitivamente, que o Hospital, como ele já dissera anteriormente, “fique ao sabor das contingências da política municipal”.

A partir desta semana, quando foram elaborados os organogramas de funcionamento, todos os serviços do Hospital São Vicente ficarão sob a orientação técnica e científica da Faculdade de Medicina.

Isto quer dizer que o São Vicente passará a funcionar praticamente nos moldes do Hospital das Clínicas de São Paulo, o hospital universitário da USP.

Isso trará uma grande vantagem em termos qualificativos, segundo o dr. Ferrari, porque o São Vicente passará a contar com um “know how” acadêmico dos mais apreciáveis. Quase todos os professores da Faculdade de Medicina de Jundiaí são oriundos da USP, e esse, segundo ele, “é uma boa maneira de desfrutar a proximidade geográfica com São Paulo”.

O dr. Eugênio diz que o Hospital São Vicente tem uma perfeita infra-estrutura técnica. “Dentro da realidade nacional — diz ele — o São Vicente é até um hospital sofisticado”. Essa infra-estrutura (equipamentos de primeira ordem como os que compõem a Unidade de Terapia Intensiva, a aparelhagem de raio-X, etc) que vinha sendo mal aproveitada, passará a render mais, em termos sociais. Se antes quem se aproveitava dos equipamentos eram os médicos de fora, que os utilizavam gratuitamente, e auferiam os benefícios, agora os equipamentos serão utilizados pela estrutura universitária, em benefício da população, que será a maior beneficiária de uma melhoria geral no atendimento”.

Não foi sem um ar patente de confraternização que a Prefeitura e a Faculdade de Medicina assinaram o convênio, na quarta-feira, dia 16, para o uso do Hospital São Vicente pelos acadêmicos. O ato, no gabinete do prefeito, pôs fim à série de incidentes que culminaram na assembléia dos estudantes, que pretendiam a volta do estágio nesse hospital municipal.

O diretor da escola, dr. Metry Bacila, acompanhado pelo secretário da Saúde, Higiene e Bem Estar do Município, dr. Eugênio Carlos Ferrari, tiveram uma pequena sessão de explicações e justificativas por causa das modificações introduzidas na proposta para a surpreendente loquacidade do dr. Bacila, antigamente distante e parcimonioso com as palavras.

O prefeito Pedro Fávoro, por sua vez, também conseguiu ser ouvido, já que as cláusulas do convênio satisfizeram ambas as partes. E o objetivo fundamental do prefeito, que na gestão anterior criou a faculdade, era apenas esse: por um fim na crise que havia se instalado dentro da escola, dando a tranquilidade que os estudantes estão querendo há vários anos.

Logo após essa conversa inicial, todos mudaram de mesa, possivelmente para facilitar o trabalho dos repórteres, e o prefeito leu o ofício enviado pela escola apresentando o convênio, com uma entonação verdadeiramente solene.

No decorrer das assinaturas de praxe, chegou o esbaforido presidente da Câmara Municipal, Lázaro de Almeida, ofegante por causa da escadaria escalada às pressas. Antes dele, haviam chegado dois acadêmicos do 6.º ano, que acabaram assistindo à assinatura e também serviram como testemunhas.

Como não poderiam ser dispensadas, ouviu-se as tradicionais salvas de elogios e agradecimentos. O dr. Bacila, bem compenetrado, assegurou que era “um momento entusiasmante da carreira universitária”, apontando o prefeito como o

“grande artífice” para o descerrar da cortina frente à tragédia cujas vítimas eram os acadêmicos e também a população.

Em meio ao estreitar de laços da escola com o Poder Público, a satisfação do prefeito era muito grande, já que solucionar esse problema foi um dos argumentos usados para sua campanha nas eleições. No seu folheto, Fávoro prometia a reintegração da faculdade como peça básica no sistema de saúde do município.

Teoricamente, o problema dos acadêmicos está resolvido depois da ameaça de “mãos e intenções espúrias que passariam a dirigir os destinos da faculdade”, conforme falou o dr. Bacila. Por outro lado, o dr. Ferrari considerou bastante importante o acordo porque foi preservado “o princípio universal da autonomia universitária”.

Mesmo diante dessa enxurrada de otimismo, os dois acadêmicos presentes ainda tinham suas dúvidas, apesar de acharem o convênio bastante satisfatório no atendimento de suas reivindicações. Essa prevenção, segundo eles, vem da tradição furtiva do próprio diretor, que já tem colecionados pelos estudantes os atos de sua vocação esquiva e suas palavras muito convicentes.

À parte essas características do dr. Bacila, os acadêmicos do sexto ano vão se manter em assembléia até que o estágio no Hospital São Vicente esteja normalizado. Não que duvidem do cumprimento do convênio, mas sim porque são precárias as garantias oferecidas pelo passado da administração da escola.

Os sextanistas foram muito infelizes, porque quando estavam no terceiro ano é que começou a corrosão da estrutura educacional ideal para eles. Frente a tantas lutas e tantos desenganos é que se mantêm cétricos. Pelo menos por ora. (C. K.I.)

DOCUMENTO: O TEXTO DO CONVÊNIO.

Cláusula I — Este convênio tem por finalidade permitir a utilização do Hospital de Caridade São Vicente de Paulo definido, como Hospital — Escola da Faculdade de Medicina de Jundiaí

Cláusula II — A Prefeitura entrega à Faculdade a orientação técnica e científica de todos os serviços existentes no Hospital.

Cláusula III — Todas as obrigações da Prefeitura serão executadas através da Secretaria de Saúde, Higiene e Bem Estar Social do Município.

Cláusula IV — A Faculdade obriga-se a prestar Assistência Médico-Hospitalar a beneficiárias, públicas e privadas, Federais, Estaduais e Municipais, com as quais o Hospital de Caridade São Vicente de Paulo mantenha ou venha a manter convênios.

Parágrafo único — Todo e qualquer convênio com entidade pública ou privada, que venha a ser firmado pelo Hospital deve merecer a aprovação da Faculdade.

Cláusula V — A Administração do Hospital obedecerá à hierarquia e à orientação técnica da Prefeitura.

Parágrafo Único — A Administração do Hospital será fiscalizada por uma Comissão Técnica constituída de cinco elementos, a saber:

- Dois (2) representantes do Legislativo Municipal;
- Dois (2) Vicentinos;
- Um médico indicado pelo Prefeito Municipal.

Cláusula VI — As atividades técnico-científicas a serem desenvolvidas pela Faculdade no Hospital serão levadas a efeito por um (1) Coordenador Clínico e por um Conselho Técnico-Científico constituído pelo Secretário da Saúde, Higiene e Bem Estar Social do Município e por quatro (4) membros do Corpo Docente da Faculdade, indicados, cada um deles pelos respectivos Departamentos de Medicina, de Cirurgia, de Tocoginecologia e de Pediatria.

Parágrafo Primeiro — O Coordenador Clínico do Hospital será escolhido e indicado pelo Prefeito Municipal, a partir de lista tríplice elaborada pela Congregação da Faculdade;

Parágrafo Segundo — As atribuições e o mandato do Coordenador Clínico serão fixados pelo Conselho Técnico-Científico que, por sua vez, elaborará regimento próprio de seu funcionamento a ser aprovado pela Congregação da Faculdade e referendado pelo Prefeito Municipal.

Cláusula VII — O Corpo Clínico do Hospital será constituído de pessoal vinculado à Faculdade, incluídos seu Corpo Docente e médicos contratados para o atendimento das unidades de internação, ambulatório e emergência do Hospital.

Parágrafo Primeiro — A contratação dos profissionais médicos ficará a critério da Faculdade.

Parágrafo Segundo — Para a contratação dos profissionais mencionados no § 1.º serão utilizados os recursos fornecidos pelo Hospital de Caridade São Vicente de Paulo.

Cláusula VIII — No exercício da concessão que ora lhe é feita e para o normal funcionamento das aulas práticas e cursos a Faculdade poderá, além do Corpo Docente e como este por sua conta exclusiva, manter, no Hospital, pessoal técnico auxiliar.

Parágrafo Único — O corpo docente e pessoal técnico auxiliar da Faculdade quando em exercício de suas funções no Hospital, obedecerão às normas e regulamentos em vigor do Hospital de Caridade São Vicente de Paulo.

Cláusula IX — O Hospital poderá ser utilizado pela Faculdade com finalidade de:

- Ensino-Médico-Hospitalar, podendo abranger a graduação e a residência médica;
- Atividades de especialização e de Pós-graduação na forma de cursos, seminários, simpósios e demais atividades correlatas;
- Atuar como Centro de Treinamento de pessoal técnico auxiliar.

Parágrafo Único — Todas as despesas decorrentes das atividades constantes desta cláusula serão de responsabilidade exclusiva da Faculdade.

Cláusula X — A Prefeitura obriga-se, dentro de suas disponibilidades e nas condições determinadas pelas Normas Administra-

tivas vigentes a:

- manter o pessoal necessário ao funcionamento do Hospital;
- prover o Hospital do material necessário ao atendimento assistencial requerido;
- prover os serviços básicos de manutenção do Hospital;
- prover o Hospital de material permanente e equipamentos solicitados pela Faculdade, obedecidas as disponibilidades orçamentárias de cada exercício e as prioridades estabelecidas pela Prefeitura;
- fornecer refeições ao pessoal mantido pela Faculdade e seus alunos, quando em serviço sob regime de plantão, desde que seja encaminhada, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, ao Superintendente do Hospital, listagem desse pessoal, especificando categoria, função e horário.

Cláusula XI — Todo o material e equipamento pertencentes à Prefeitura, em utilização no Hospital, será devidamente inventariado e deverá ser mantido em perfeitas condições de funcionamento.

Parágrafo Primeiro — A manutenção dos materiais e equipamentos caberá à Prefeitura, ressalvados os danos ocorridos por imperícia técnica nos edifícios, equipamentos, mobiliários e instalações.

Parágrafo Segundo — Todas e quaisquer modificações a serem introduzidas nas dependências do Hospital deverão previamente receber a aprovação da Prefeitura.

AUTO ÔNIBUS JUNDIAÍ, OU COMO ACABAR COM OS CONCORRENTES

Depois de dois anos da assinatura do novo contrato de concessão para os transportes coletivos municipais, a Auto Ônibus Jundiaí vai passar nesta semana a ser a empresa a operar em todas as linhas, exceto Caxambu, Colônia e Castanho. Com isso, a Viação Jundiaíense, Auto Ônibus Três Irmãos e Auto Ônibus Chechinato terão de recolher seus veículos.

Mas, não será tão simples assim. As três empresas, logo que o novo contrato foi assinado, tomaram as medidas legais para impedir sua execução. O mandado de segurança impetrado, através dos advogados Flávio Del Prá e Waldemar Mariz de Oliveira, não logrou sucesso. No entanto, eles ainda não desistiram.

Na semana passada, juntamente com Flávio, dois proprietários estiveram no gabinete do prefeito Pedro Fávaro com um pedido para a autorização, em caráter precário, do funcionamento das empresas enquanto prosseguem os trâmites judiciais da ação da Prefeitura para a anulação do contrato.

Nessa ocasião, o advogado invocou os interesses públicos para tentar sensibilizar o prefeito, que se manteve irredutível em permanecer apenas na ação judicial. O diálogo entre as duas partes foi bastante tenso e repleto de argumentos.

Flávio, falando por seus clientes, chegou a pedir uma medida administrativa para a anulação do contrato, o que seria muito mais rápido. Fávaro, por sua vez disse que essa vantagem no tempo poderia trazer uma ação indenizatória contra a Prefeitura, por parte da Auto Ônibus Jundiaí, motivo de ter preferido a via judicial, que elimina esse perigo.

A posição da prefeitura, mantendo-se parcialmente distante do problema, é justificada porque a gestão, salvo o aspecto da monopolização do serviço, prende-se unicamente aos interesses particulares das empresas. Portanto, elas devem brigar entre si.

No dia da reunião com o prefeito, Izeu Calegari (Jundiaíense), Aldo Marani (Três Irmãos) e Eugênio Chechinato colocaram tudo praticamente nas mãos do Poder Público. Mas, tiveram o duro obstáculo de um ato decretado na administração anterior, com características bastante claras no sentido de fazer a Auto Ônibus Jundiaí ficar como a única concessionária.

Essa empresa, através de uma licitação, assinou um contrato no dia 21 de março de 1957 com a Prefeitura, tornando-se responsável pelo transporte coletivo na maioria das linhas municipais. Mais tarde foram feitas apenas mais três concessões: Caxambu e Colônia, para a Três Irmãos, e Castanho, para a Jundiaíense.

Como na época não interessava à A.O. Jundiaí explorar todas as linhas, ela criou sub-concessões, entregando às outras três empresas. E assim foi sendo até a assinatura do novo contrato, em 1975.

Ocorreu, porém, que a lei 1.668, de 1970, proibia a sub-concessão e fundamentada nesse dispositivo, a Câmara Municipal aprovou a lei 2.113, que autorizou o prefeito Ibis Cruz a prorrogar o contrato de concessão, de acordo com a lei vigente. E foi preparada a saída das outras empresas.

A A.O. Jundiaí passou então a ser a concessionária exclusiva e proibida de realizar sub-contratações. Nessas alturas, começou a movimentação judicial para impedir que isso acontecesse. O mandado de segurança impetrado não foi concedido nem em Jundiaí e nem em São Paulo, de onde saiu um acórdão ordenando o cumprimento do contrato. No entanto, em última instância, foi pedido um recurso, ainda não julgado.

Entrincheiradas atrás da posição legal, os irmãos Orivaldo e Omayr Zomiganani, da A.O. Jundiaí, compraram 60 novos ônibus para substituir igual número das outras empresas, num valor de 40 milhões de cruzeiros. Armados desse jeito, nesta segunda-feira eles assumem as outras linhas.

Os dois irmãos estão dispostos a não abrir mão de seus direitos, inclusive dizem que "o acórdão está aí para ser cumprido". E garantem que a situação das sub-concessões permaneceu até agora por força do primeiro contrato, já existente quando compraram a empresa. Por isso, quando ia findar a validade do documento, eles decidiram assumir todas as linhas de que são reais concessionários.

Omayr e Orivaldo afirmam que o contrato tivesse terminado antes, o procedimento seria igual, além disso, "antigamente era muito mais fácil comprar ônibus". A vultosa aquisição que fizeram para poderem suportar o aumento das linhas é o principal motivo que os faz ficar intransigentes. Tanto que Omayr falou que os ônibus só não sairiam nesta semana se houvesse alguma medida de força.

Mas eles, até quarta-feira passada, não acreditavam que as empresas iriam criar qualquer obstáculo, inclusive tinham todas as esperanças que seus ônibus fariam os percursos normalmente. "Nós esperamos que tudo se processe em paz", disse Orivaldo.

Essa, no entanto, não era a disposição do advogado Flávio Del Prá. Quando esteve no gabinete do prefeito junto com seus clientes, e vendo que pouco iria conseguir ali, deixou claro que tomaria as medidas que julgasse necessárias:

— Sr. Prefeito — falou Flávio — não será nada de pessoal, mas nós vamos procurar resolver nosso problema da melhor forma que for possível.

Na quinta-feira, o advogado não quis prestar maiores esclarecimentos sobre quais seriam as providências. Não que estivesse com alguma prevenção contra a imprensa, aliás ele repetiu isso várias vezes, mas sim uma espécie de tática jurídica, algo assim como "a surpresa é a melhor estratégia".

Nesse dia, ele ainda estava esperando uma definição por parte da Prefeitura quanto ao pedido de permissão para as empresas continuarem operando. Assim que tivesse algo conclusivo iria escolher uma das três alternativas que disse ter para não deixar seus clientes numa verdadeira "rua da amargura".

O que faria realmente só seria decidido nesta segunda-feira. Conforme declarou, as empresas poderiam não trabalhar no período da manhã para haver tempo de por em prática sua estratégia legal até à tarde, tudo dentro da mais absoluta luta, tranquilidade, sem tumultos.



Os ônibus azuis agora percorrerão quase todas as linhas.



AS CON

A Auto Ônibus Jundiaí, além de ser a concessionária das linhas do Caxambu (atualmente operada pela viação Caxambu) e Colônia, também para entrar no ramo de turismo. Chechinato já entrou nesse campo e opera apenas a linha do bairro do Castanho.

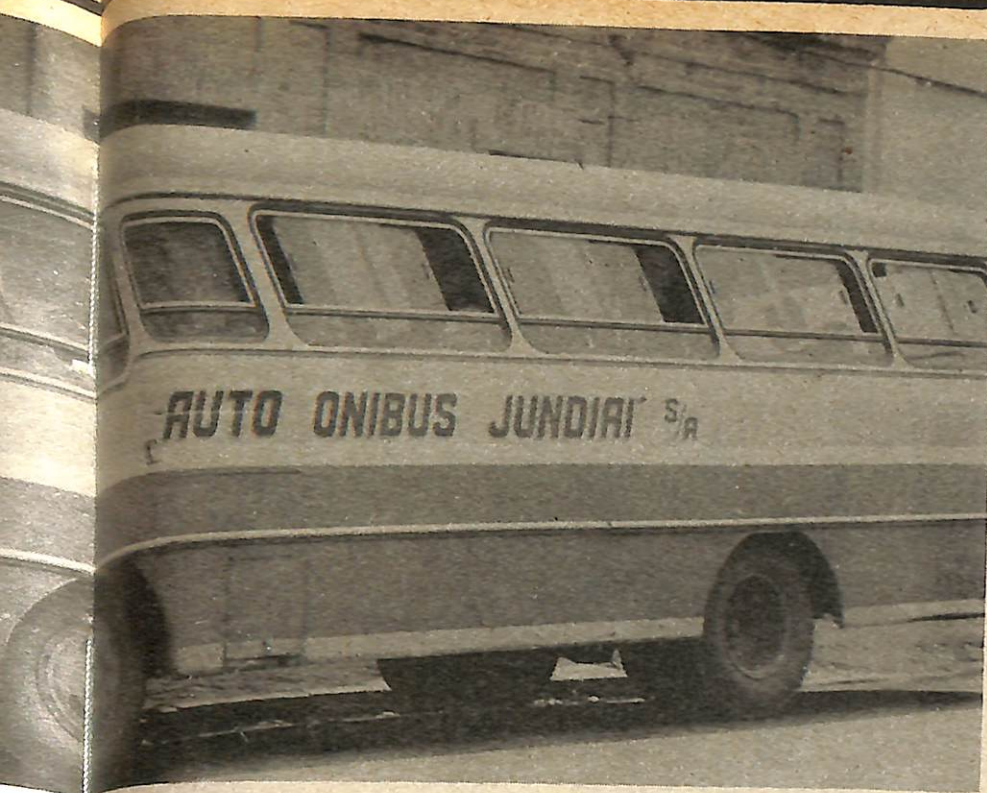
O recolhimento dos 60 ônibus das outras empresas assumidas pela A.O. Jundiaí vai ser feito de pelo menos 350 funcionários. Tudo isso poderia ter sido evitado com o pagamento da renovação do contrato a quem fez uma nova licitação dando oportunidade às firmas.

A mais prejudicada foi a Jundiaíense, que paralisa 35 veículos. Para o proprietário, é um golpe bastante duro para uma empresa que opera normalmente há mais de 15 anos.

O pacato e bom Izeu, colocado fora de seu negócio (antes de ser dono da empresa trabalhou muito tempo como motorista de caminhão). Além dos evidentes prejuízos, a compra de novos ônibus ainda não foi paga —, ainda é parente de Orivaldo.

Ele está muito magoado. Mas não se tranformando em raiva. A história da A.O. Jundiaí. Os irmãos Zomiganani, segundo Izeu conta, precisam da assinatura do prefeito para a efetivação da compra, uma espécie de prêmio, ficou com 17% de participação na mesma forma como eles se tornaram parte da Viação Jundiaíense.

Nos primeiros anos de funcionamento, Jundiaí, Izeu prestou a assessoria jurídica necessária graças aos anos que ele



Os outros terão de se recolher.



O advogado Flávio Del Prá vai continuar a luta para defender os interesses de seus clientes.



CONSEQUÊNCIAS

E foram justamente eles que acabaram por jogar os veículos da Jundiaense no meio-fio do último contrato.

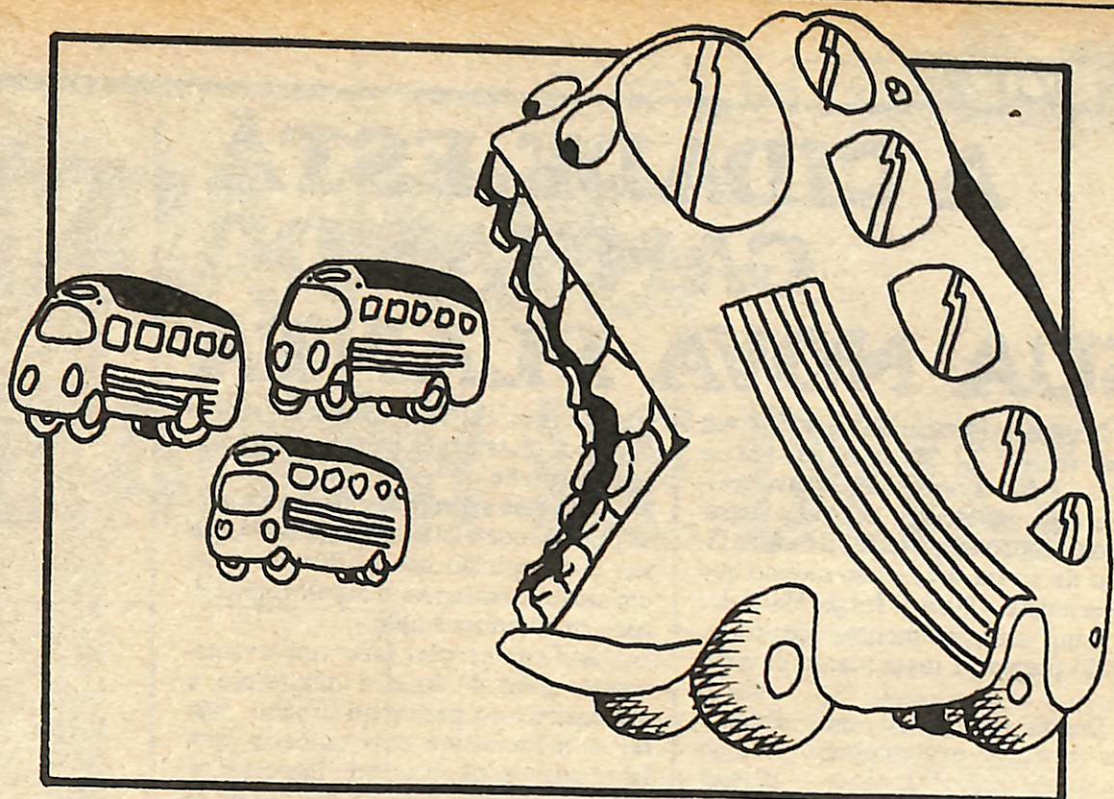
Izeu simplesmente não acredita que exista algum direito na Terra que possa privá-lo de continuar com seu negócio, depois de tantos anos em funcionamento. Tanto é assim que ao visitar o prefeito, ele estava disposto a não recolher seus ônibus com tanta facilidade. Aliás, disse que continuaria normalmente.

Apesar de toda essa situação estranha, mas legal, uma grande parcela da responsabilidade é das três empresas. Seus proprietários alegaram que por diversas vezes tentaram conversar com o então prefeito Ibis Cruz, mas que ele sempre se recusou a recebê-los.

Da forma com que tudo isso foi preparado, não deveria haver nenhum interesse do ex-prefeito em ouvir as queixas das empresários porque o negócio se encaminhou favorecendo a A.O. Jundiaí. Se tivesse havido qualquer pretensão de ser escolhido a melhor firma, uma nova licitação seria preparada.

Mas tudo ocorreu praticamente às escondidas. Quando as outras três empresas viram, suas sub-concessões não mais existiriam a partir desta segunda-feira. Daí começou a luta judicial para terem de volta o direito de continuar a operar nas linhas municipais.

Se havia uma legislação proibindo a sub-contratação, o caminho seria conceder a concessão das linhas em que operavam para as respectivas empresas. No entanto, a ânsia monopolizadora dos irmãos Zomignani barrou a oportunidade que a cidade já oferecia há vários anos a todas as firmas. E quando nem parentes e sócios são respeitados, o que se poderia esperar com relação aos outros concorrentes naturais? (C.K.I.)



Monopólio, um negócio bom para poucos.

Apesar de ainda um tanto nebulosas as consequências mais diretas do fato da Auto Ônibus Jundiaí ser a única com o direito de explorar os transportes coletivos urbanos da cidade, as primeiras vítimas já são visíveis: os jundiaenses. Sem contar, é claro, com as três sub-concessionárias que terão de abandonar suas linhas.

Pouco se poderia provar (ou até mesmo insinuar) a respeito da precariedade de boas intenções quando foi firmado o novo contrato entre a Prefeitura e essa concessionária há dois anos. Mas não é preciso olhar com muita atenção para se focalizar os riscos que a cidade corre com esse verdadeiro monopólio dos coletivos que começa a se instalar.

Em princípio, e são muitos os exemplos a provar, todo o serviço público prestado por empresas privadas monopolizadoras sempre sofre de vícios perniciosos aos usuários. Por outro lado, é bastante conhecida, sendo inclusive motivo de pilhéria, a ineficiência das empresas estatizadas. De novo, os usuários é que sofrem.

Extrapolando para a Auto Ônibus Jundiaí alguns dados conhecidos de casos semelhantes, pode-se chegar a conclusões de certo modo alarmantes. E com as atuais características, não é difícil profetizar a danosidade e inconveniência para a população ter apenas uma única empresa responsável pelo seu transporte.

Sem concorrência direta, pode acontecer um total acomodamento de seus dirigentes, que tenderão a se tornar insensíveis aos problemas das pessoas que dependerão de seus ônibus. Afinal de contas, não existirá nenhuma fonte de referência para caracterizar o mau serviço. Restará aos usuários recorrer a algum vereador que, da tribuna, esbravejará contra a situação.

Para contentar algum irado representante do povo, a empresa pode até tomar algumas providências paliativas, tentando assim encerrar a questão. Mas se o volume de queixas for grande demais, o único caminho seria o da melhoria, de fato, dos serviços. Em troca, surgiria um aumento nas tarifas, onerando ainda mais as claudicantes economias das pessoas que viajam de ônibus.

Já que se falou nas tarifas, elas são uma grande saída. A empresa estaria sozinha para solicitar as majorações ao C.I.P. — Conselho Interministerial de Preços, com a possibilidade de apresentar conclusivos argumentos para a aprovação do pedi-

do. Verdadeiros ou não, a concorrência não estaria presente para desmentir.

Isso normalmente é conseguido através de um conselho entre as companhias transportadoras, porque concorrentes teriam interesse em manter suas tarifas dentro dos limites do razoável, quase sem a interferência de nenhum órgão limitador.

Nas empresas privadas que prestam serviços públicos frequentemente ocorre que os limites das tarifas acabam não interessando os proprietários. Então acontece o inevitável processo de estatização, também bastante prejudicial, já que a incompetência desses órgãos tornou-se inclusive motivo de pilhéria.

Não é preciso ir muito longe para se encontrar exemplos ben palpáveis. A Telefônica Jundiaí sofreu um processo desse tipo e foi encampada pela Telesp. Quem tem telefone sabe dos problemas que surgem todos os dias. Existem as reclamações, surgem as promessas, mas os aparelhos continuam mudos.

No setor de transportes, há o caso da empresa que serve os alunos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, do centro da cidade até o campus universitário. A CCTC foi a empresa que ganhou a concorrência para prestar o serviço. Mas é de uma incompetência tão grande que na semana passada, enquanto o sinal tocava no campus avisando o início das aulas, havia filas intermináveis de alunos ainda no centro da cidade. Falta de previsão ou carência de escrúpulos?

E isso não está assim porque nunca houve queixas. Pelo contrário, comissões e alunos foram pedir à reitoria as devidas providências, os jornais campineiros denunciaram. Mas a empresa se manteve surda até que a escola exigiu uma tomada de providência. A promessa era de que ainda nesta semana estaria resolvido esse caso que nem deveria ter existido.

Com características semelhantes, a Auto Ônibus Jundiaí pretende colocar seus 60 veículos novos em funcionamento nas linhas antes ocupadas pela Chechinato, Três Irmãos e Jundiaense. Ela vai estar quase sozinha para transportar trabalhadores e estudantes pelo menos durante os próximos vinte anos. Com todos os vícios provocados por qualquer atividade monopolizada, o mais natural a acontecer será sua transformação numa pesada cruz que os jundiaenses terão de transportar pelo íngreme calvário do dia-a-dia. (C.K.I.)

A CIDADE ESTÁ GANHANDO SUA NOVA PLANTA

Poucos poderiam esperar que um afável senhor de 70 anos pudesse se dedicar à árdua tarefa de escrever cerca de dois mil nomes de rua e logradouros públicos com letras de um milímetro de altura. Mas é isso mesmo que o desenhista Ulysses Jorge Martinho faz com seus momentos de folga, quando prepara a nova planta da cidade.

Depois de quatro anos distante desse serviço — exatamente o período da administração Ibis Cruz — Ulysses retomou o trabalho, que havia ficado paralisado. Com isso, aumentou muito a dificuldade para a atualização, porque, segundo ele, “tem que ser feita todo ano”.

A atualização foi feita numa planta de 71, graças à capacidade do papel vegetal em ser raspado para se redesenhar em cima. Como o velho desenhista faz isso quando seu trabalho no escritório do filho, o arquiteto Araken Martinho, dá folga ainda não há uma data prevista para seu término.

Por toda essa paciência em traçar as novas ruas, os novos bairros e respectivos nomes, Ulysses vai receber exatamente nada. A única coisa que o move a isso é seu gosto e uma indiferente vontade de realizar algo que será de grande utilidade para a cidade, já que ninguém ainda se prontificou a herdar esse serviço.

Na verdade, ele é a pessoa que mais conhece as ruas que cortam Jundiaí, suas localizações exatas e as características do crescimento desordenado do município. Tudo isso foi adquirido ao longo dos anos em que trabalhou na secretaria de Obras da Prefeitura, onde ingressou por volta de 1950.

Na época havia uma planta em que o perímetro urbano estava circunscrito dentro de um círculo. A cidade estava constituída pelas ruas centrais, a Ponte de São João, Colônia e a Vila Arens. Antes só existia o trabalho do desenhista Heissen, datado de 1896, que descrevia inclusive o traçado do itinerário da linha de bondes. Agora resta apenas um documento, em mãos do diretor do museu municipal Geraldo Tomanik, completamente danificado pelo tempo, com grandes buracos escavados no papel cartão estrangeiro.

Ulysses conta que mapear a cidade não era um trabalho muito fácil no começo da década de 50. Havia muitas incorreções interferindo na sua fidelidade. Mas, em 57, fizeram o primeiro levantamento aerofotogramétrico da cidade, e a planta ganhou novas condições de qualidade.

Mas nem assim, explica ele, pode-se confiar na perfeita exatidão das linhas que determinam as ruas da cidade. É que durante a execução da planta, há variação por causa do papel vegetal, que sofre pequenas deformações, “Se a gente colocar a planta em cima da fotografia, não vai coincidir exatamente”, garantiu o desenhista.

É claro que esses detalhes não chegam a prejudicar em demasia o resultado final do trabalho, já que a planta tem a única função de orientar seus consultores. Contudo, é peça fundamental para qualquer estudo de loteamento e planejamento urbano, mesmo

porque sem ela seria difícil demais se explicar claramente qual a conformação da cidade.

Por esse aspecto fundamentalmente prático que a planta apresenta. Ulysses é da opinião que se deveria fazer um novo levantamento aerofotogramétrico muito mais amplo:

— Seria preciso fazer um levantamento geral de todo o município, e não apenas do perímetro urbano. Não sei se a Prefeitura teria dinheiro para isso, mas seria bastante importante. Com esse serviço haveria condições de se elaborar um planejamento melhor do crescimento da cidade, preservação de áreas que tenham nascentes. Por exemplo, agora a cidade ainda tem muitas áreas que não se sabe praticamente nada a respeito.

E acreditando nisso é que Ulysses continua a fazer a planta de Jundiaí, sem receber um único tostão. Somente o que espera é que depois sejam tiradas cópias e afixadas em lugares públicos, para a orientação da população e visitantes. O que não se pode considerar pretensão demais levando-se em conta as muitas horas de trabalho que ainda serão consumidas.

TRABALHO, TRABALHO, TRABALHO, TRABALHO...

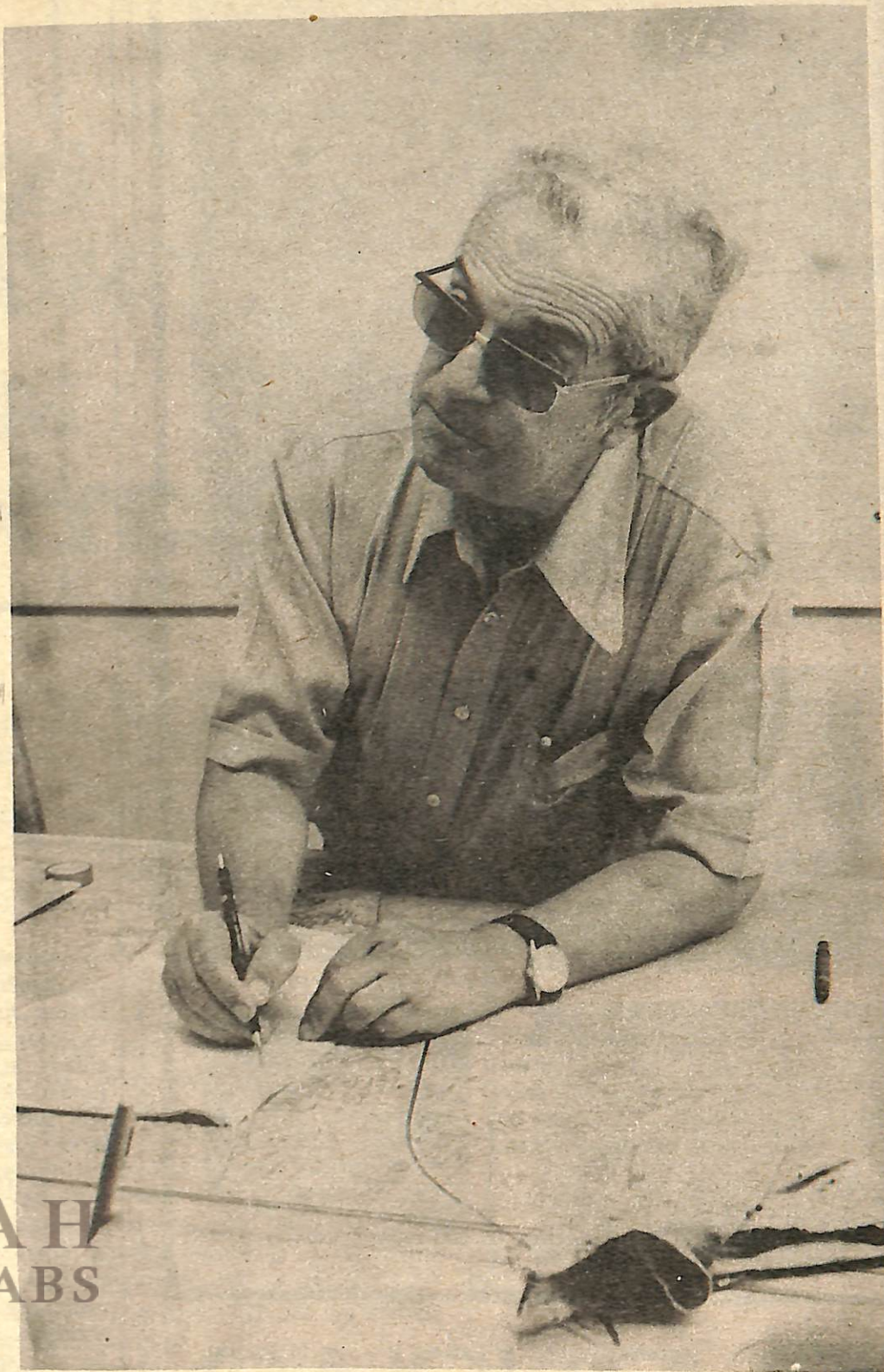
Dificilmente alguém poderia supor que o pequeno balconista de 10 anos em São Carlos algum dia iria lidar com canetas e lápis para fazer desenho. Tampouco esperariam que o garoto, nascido em Campinas em 1906, fosse ser um grande comerciante, o que realmente não aconteceu. Aliás, pouco tempo depois ele estava empunhando serrotes, pregos e martelos na sua cidade natal, onde ficou como marceneiro durante cinco anos. À noite, estudava contabilidade e datilografia.

Mudando-se para São Paulo, permaneceu cerca de seis meses trabalhando como contador “free-lancer”, substituindo profissionais em férias. Mas eram tempos difíceis e ele voltou para Campinas e para a marcenaria. Sem vocação, retornou à capital, onde ficou cerca de dois anos como correntista.

Em 1927, com os irmãos Adelino e Mario, veio a Jundiaí e fundaram a Casa Trevo, especializada na venda de fazendas e armazéns. Pouco tempo, o comércio era abalado pela crise de 30. Todos os três estavam casados e resolveram que um deles deveria sair da sociedade, que não rendia o suficiente para sustentar três famílias.

Ulysses saiu e foi ser guarda-livros da Escola Profissional Municipal e Núcleo de Ensino Profissional, onde está hoje o Grande Hotel. De noite estudava desenho técnico e inglês. No fim do curso houve uma exposição. Os trabalhos dele chamaram a atenção do dr. Jaime Cintra, que acabou convidando-o para trabalhar na Companhia Paulista. Depois de 11 anos, transferiu-se para a Prefeitura, onde já prestava serviços particularmente de desenho topográfico.

Ele só saiu quando se aposentou, mas continuou a desenhar como sempre o fez em sua casa. Ulysses projetou muitas residências e não é sem orgulho que fala, do alto de seus 70 anos: “foi na prancheta que consegui formar três filhos em curso superior”



O TRABALHO GRATUITO DE ULYSSES AINDA NÃO ESTÁ PRONTO E NEM EXISTE UMA PREVISÃO PARA ISSO.



SUJA E CARCOMIDA, ESTÁ É A PRIMEIRA PLANTA DE QUE A CIDADE PÔDE DISPOR.



A TORCIDA PEDE: UM GOL, PELO AMOR DE DEUS.

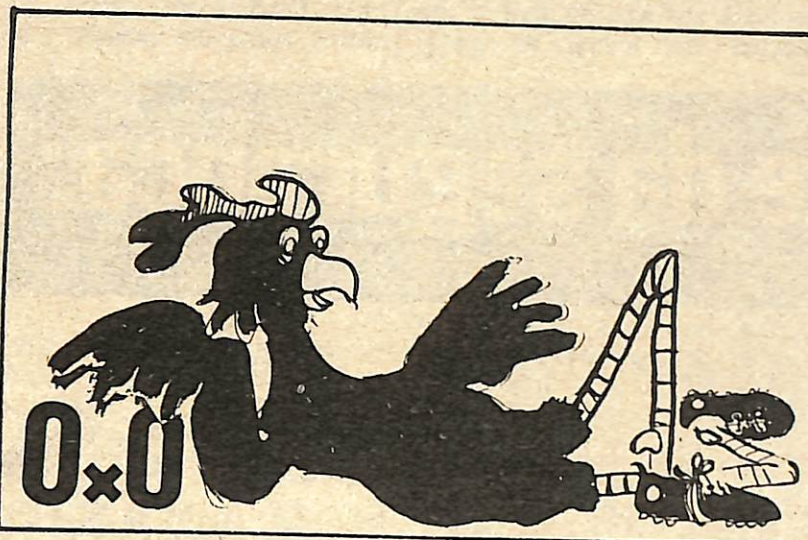
A cidade mudou seus hábitos na última quarta-feira à noite, e alguns programas de televisão perderam um pouco de audiência. Mais de 6 mil pessoas saíram da rotina e foram para um programa pouco comum na cidade: um jogo de futebol noturno.

Está certo que o ambiente estava um pouco mais para a penumbra, mas os torcedores não se arrependeram. Pelo menos, viram um primeiro tempo quase impecável, e viram os jogadores do Paulista correndo atrás da bola com uma determinação insuspeitada, e até mesmo com alguns rasgos de indomável talento. Houve gente, no estádio que quando o juiz José Favile Neto marcou o fim do primeiro tempo, espantou-se: "mas já?".

No segundo tempo a determinação já não foi a mesma, e a Ponte Preta, tradicional adversária do Paulista, inimiga de muitas batalhas campais, ameaçou bastante gol do time da casa, felizmente guarnecido pela valentia de um Édson.

A torcida não saiu nem com aquela euforia do empate em cima da hora contra a Portuguesa, mas também sem aquela ira contida do fracasso contra o XV de Jaú. Alguma coisa está faltando, sente-se isso no ar. É evidente que está faltando alguma coisa: em sete jogos (quatro empates e três derrotas) a artilharia do Paulista estava bem abaixo da mais modesta das marcas: apenas dois gols, e ambos marcados de pênalti. Não chega a ser um índice muito positivo para um ataque, destinado, por definição, à tarefa de fazer gols.

Está certo que o Paulista teve que enfrentar uma tabela madrastra: em sete jogos, já passou por quase todos os grandes e semi-grandes do futebol Paulista: Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Portuguesa, Guarani e Ponte. Mas o que é mais desalento é que o único jogo contra um time realmente pequeno, foi desastrosamente perdido. Talvez tenha sido realmente uma obra do acaso. De qualquer forma, isso já pertence ao passado, e a torcida já se manifestou da maneira que considerava conveniente. O fracasso, já se sabe, foi resgatado em latinhas de cerveja. E a diretoria do clube, por sua vez, resgatou a dívida aos jogadores aplicando-lhes uma multa (não perdoada) de 20% no salário de cada um. Se-



gundo o vice-presidente Décio D'Angieri, uma medida justa, já que "eles recebem seus salários e bichos em dia, e têm a obrigação de produzir de acordo".

Mas aquilo que está faltando, a cidade inteira, em coro, sabe o que é: um centro-avante. Essa história de centro-avante já está virando uma verdadeira obsessão. Décio D'Angieri, em sua casa de tintas, atende ao telefone, e lá vem a voz: "e o centro-avante?". Ele passeia na rua, sai para jantar, e é interrompido: "Ei, e o centro-avante?". Vai entregar latas de tinta para seus clientes, eles pagam direitinho, recebem a tinta com satisfação, e antes de se despedir: "Pois é, Décio, o time até que está bom! Mas falta um centro-avante, não falta?".

No campo, na quarta-feira à noite, nas rodinhas de cerveja, o assunto era, naturalmente, o centro-avante. No dia em que essa entidade milagrosa chegar à cidade, por certo haverá mil motivos para que se decreta feriado municipal. A cidade suspirará aliviada, e aí do contratado se ele não cumprir suas funções que a torcida lhe atribuirá quase que como uma obrigação: fazer gols. Será que é tão difícil assim contratar alguém que saiba executar o ato verdadeiramente final e definitivo de um jogo de futebol, qual seja, o de marcar gols?

Décio D'Angieri garante que não é por falta de procurar: já se tentou Lance, já se tentou um certo Da Costa, do Flamengo, que sumiu tão misteriosamente como apareceu, já se tentou Adilson, já se tentou o gigantesco Marcão, do América Mineiro, e agora estão falando de um sujeito lá de Volta Redonda, "nem me lembro o nome", que segundo as informações

mais honestas é um executor do ato-tão sublime que a torcida aguarda com impaciência: o gol.

Mas cadê dinheiro? Um bom centro-avante não se arranja por menos de 500 mil cruzeiros, e 500 mil cruzeiros onde se arranjam? Só se o dinheiro sair dos milagrosos carnes de Ibis Cruz, os já famosas "cruzetos". Mas nem assim se garante que o sujeito venha aí e faça os gols. O raciocínio de D'Angieri:

— O Palmeiras tem o Toninho, que é artilheiro do campeonato, e está procurando um centro-avante; o São Paulo tem quatro centro-avantes — Serginho, Mickey, Miller e Milton — e está procurando um centro-avante. É sinal que não está muito fácil.

Outra coisa: quando o Paulista estava pensando em contratar Adilson, do Corinthians, que nem é centro-avante, é mais ponta de lança, alguns torcedores tiveram a iniciativa de fazer uma lista. Custava 500 mil cruzeiros o passe dele. A lista foi assinada por três pessoas. Total: 3 mil cruzeiros. Os outros 497 mil, onde estavam?

Enquanto a torcida cerra fileiras em sua reivindicação, e não abre mão dela, o técnico Belangero vai experimentando as fórmulas que tem à mão: ora escala Davi, ora escala Zanata, e é possível que às vezes pense também em Brayner. Coloca Mosca como centro-avante, tira Mosca e coloca Wagner, tira Wagner põe Fernandinho. E todo mundo trança muito bem, mas falta um peitudo, um trombador, que esteja disposto ao sacrifício de expor suas canelas à sanha adversária, para fazer o gol. Ou então, como Roberto também admitiria, um centro-avante não tão rompedor, mas que soubesse voltar para buscar o jogo e soubesse

abrir espaços para os outros atacantes. Enquanto o milagroso não chega, a torcida não pode também negar que o time está subindo de produção, que Vicente está se revelando um ótimo médio de apoio, que Édson está voltando à sua forma, que Cícero está firme e está aprendendo a apoiar o ataque, que Bosco tem alguns lances de craque, que... Mas isso não é tudo. Afinal, para que existiria o futebol se não existisse gol?

A INTERDIÇÃO

Além da falta do gol, há outro fantasma pesando sobre as costas do Paulista: a interdição do campo, que será julgada nesta terça-feira, depois de dois adiamentos consecutivos. Graças aos maus bofes dos juizes Edson Massa (do jogo contra o Corinthians) e José Luiz Guidotti (do jogo contra o XV), o Paulista, está incurso no perigoso artigo 69, que pode interditar o campo por trinta dias. Alegaram os juizes em seus relatórios, que a torcida atirou latas no campo. "Ora, pergunta Décio D'Angieri, qual é o campo no Estado de São Paulo onde a torcida não atira latas no campo?"

O importante é que em nenhuma das duas ocasiões o jogo foi interrompido por falta de garantias, e isso, segundo Décio, é no mínimo uma contradição dos juizes. Pois se não havia garantia, a obrigação de cada um deles era interromper o jogo. Se não interromperam, era porque havia garantias (no jogo contra o Corinthians por exemplo, a garantia era representada por 75 policiais militares). O Paulista ficou também um pouco espantado com o relatório do juiz Guidotti, do jogo contra o XV. Afinal, a torcida atirou mesmo latas em campo, mas elas eram dirigidas à incompetência dos jogadores naquela

tarde, e não ao juiz. Pelo contrário: ele saiu aplaudido de campo, e não é qualquer juiz que pode orgulhar-se de uma verdadeira façanha.

Mas ele não quis saber: colocou as latas de cerveja e os bagaços de latinha no relatório, e agora os circunspectos juizes desportivos terão que decidir se o Paulista joga ou não em seu campo nos próximos 30 dias.

Mas também, se não jogar, o prejuízo não será muito grande. O Paulista, nesses 30 dias, só joga duas vezes em seu campo: contra o Marília, no domingo, e contra o Santos no dia 6 de abril. O presidente Vanderlei Pires está tentando inverter o mando de jogo contra o Santos, e assim somente o jogo contra o esquelético Marília seria disputado em campo neutro, muito provavelmente no Parque Antártica. Como a renda, nos jogos do campeonato, é dividida em partes iguais, o Paulista só perderia 10%, que é a cota de aluguel do campo. Algo insignificante.

De qualquer maneira, para evitar possíveis problemas futuros, a diretoria do Paulista já tratou de cercar o bar do estádio para evitar a saída das perigosas e incriminadoras latinhas de cerveja. Por enquanto, é um cercado provisório, de tela, que o popular fotógrafo Zézinho comprou à cerca de uma granja. Mas depois, conforme promete D'Angieri, será um cercado mais elegante, com portas submetidas a uma severa vigilância. Assim, as latas se destinarão apenas à sua finalidade mais evidente, que é a de conter líquido para saciar a sede dos torcedores. Segundo D'Angieri, esse cercado foi uma exigência das autoridades policiais, que ameaçaram não mandar mais os soldados ao campo, se o clube não tomasse providências para evitar que a torcida se "armasse". (S.V.)



EMPRESA DE TRANSPORTES

Irmãos Vieira Ltda.

MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS

Filial — JUNDIAÍ

R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436-5086

SAO PAULO

CAMPINAS

Filial

Matriz

Fones: 31-3403 e 31-4303 : Fones 227-0419 e 227-0453



VARIEDADES

Jornal do Livro

UMA CURIOSA PESQUISA SOBRE A MÍMICA NO BRASIL

Histórias dos Nossos Gestos: de Luis da Câmara Cascudo, 248 páginas. Série "Memória Brasileira", das Edições Melhoramentos. Nesse livro, Câmara Cascudo, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, membro do Instituto Histórico e Geográfico do mesmo Estado, coloca o leitor diante da própria simplicidade humana com o gesto puro, levando-o a entender os gestos comuns ao seu dia-a-dia como elemento indispensável de sua própria cultura.

Você certamente se surpreenderá com a curiosidade e o aspecto histórico que se escondem atrás de cada gesto. Por exemplo: torcer o bigode é um gesto de valentia, provocação e peraltice; lambear as unhas é conformar-se com a realidade; mostrar a barriga não é só garantir de boa saúde, como também significa agressividade espontânea e até pode ser símbolo erótico.

Mostrar a língua é gesto de insulto no Brasil, mas significa saudação respeitosa no Tibete. E os exemplos se sucedem, uns mais curiosos que os outros.

"História dos Nossos Gestos" é o resultado de uma longa pesquisa, abrangendo mais de trezentas manifestações em forma de gesto.

NAS BANCAS

O RISO DOS ACADÊMICOS, EM 382 PÁGINAS

História Pitoresca de 40 Cadeiras — Raimundo de Menezes, Editora Hicitec, 1976. 382 páginas, Cr\$ 85,00. São 382 páginas de bom humor sobre os homens que ocuparam as cadeiras da Academia Paulista de Letras. O autor conta em redação cla-

ra, passagens pitorescas que mostram que o livro não é apenas um anedotário, como pretende Raimundo de Menezes. Ele conta passagens sobre tantos nomes famosos que certamente a biografia de cada um não contaria. Por exemplo: Alcântara Machado. Três ou quatro rápidas passagens humorísticas vividas por ele são traçadas por Raimundo de Menezes, enriquecendo a biografia desse escritor. Pelo tratamento dado pelo autor, o livro passa a ser, além de anedótico, um interesse documentário.

Entre na corrente da segurança.

**Faça seu dinheiro
crescer sempre mais!
Deposite agora na
Caderneta de Poupança
Habitacional APE.**

Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranquilidade.



**Caderneta de Poupança
Habitacional APE**

Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

CATÁLOGO

Estão para sair: "Um Deus Contra os Deuses", de Allen Drury, e "Se Eu Fosse Deus", de Renê Barjavel, os dois pela Editora Artenova; "A Vida Começa aos 50", de Robert Tocquet, e "Margaret e o Fantasma", por Georges Simenon, Global Editora; "O Amor do Soldado" (reedição), de Jorge Amado e "Conheça Jorge Amado", de Lígia Marina Moraes, Editora Record; "Viagem Através da Loucura", de Mary Barnes, e "Textos-Chaves da Pedagogia", de Emile Chanel, Livraria Francisco Alves.

Novidades da Livraria Anhanguera (rua do Rosario, 421) "Homem Algum é uma Ilha", de Mert; "Hitler", de Joachim Fest; "Memórias do Padre Germano", de Solter; "Tremor de Terra", de Vilela, e "O ABC da Relatividade", de B. Russel. Nessa livraria, o livro mais procurado é de Hélio "Roberval Taylor" Ribeiro; "O Poder da Mensagem". Aliás, livros como esse são vendidos como cerveja em lata, aqui na cidade.

Como sua diretoria mudou, a Editora Nova Fronteira resolveu rescindir o contrato assinado com Aguinaldo Silva para que este escrevesse, por encomenda, um livro sobre Ângela Diniz. Mas o livro já estava concluído e, por isso, a editora resolveu cumprir o que determinava o contrato, pagando adiantadamente os direitos autorais da primeira edição (cinco mil exemplares, ao preço de Cr\$.. 50,00 cada). O título do livro é "O Crime Antes da Festa". Os originais estão sendo disputados por outras três editoras: a Brasília, a Símbolo e a Civilização Brasileira.

Oitenta anos depois de surgir em Londres, está sendo lançada no Brasil a célebre coletânea de contos de Conan Doyle intitulada "As Aventuras de Sherlock Holmes". Essa edição da Artenova inclui um prefácio assinado por Ellery Queen. São doze contos, dos quais destacam-se "O Mistério do Vale Boscombe" e "A Aventura do Carbúnculo Azul".

A ESCOLHA É SUA: WILZA CARLA OU CHARLES BRONSON?

Mel Brooks continua em cartaz até o dia 23 e "Presídio de Mulheres Violentadas" até o dia 24. Entram um filme nacional e dois de aventura, nesta semana que, em matéria de cinema, merece uma nota em torno dos 5,3, por aí. Confira.

A Última Loucura do Mel Brooks — É o melhor filme da semana. Com Mel Brooks, Martin Feldman, Dom De Luise, Bernadette Peters e Sid D. Cesar. A história se passa em 1976. Mostra o drama de um diretor e dois amigos que tinham sido famosos no passado. Eles procuram recuperar um estúdio que havia falido, mas tentando evitar serem arrasta-

dos por uma sociedade de corruptos. Detalhe: o filme é uma reedição do estilo narrativo das comédias americanas do cinema mudo. Os diálogos são colocados em letreiros, a faixa sonora é feita só de música e efeitos sonoros sincronizados com o movimento dos atores. Vai até o dia 23, no Marabá.

Os Últimos Machões — É o chamado "farvestão". Charlton Heston é Burgade. Ele matou a mulher do mestiço Zack Provo (James Coburn), que parte para a vingança. Tudo no Arizona de 1909. De 24 a 27, no Marabá.

Presídio de Mulheres Violentadas — De 21 a 24, no Ipi-

ranga. O título já diz tudo.

Renegado Vingador — Outro "farvestão". Um mestiço (Charles Bronson), para se defender, acaba matando um xerife, sendo, por isso, perseguido por um bando de vingadores. Ainda com Jack Palance, James Withmore e Simon Oakland. Dias 25 e 26, no Ipiranga.

Socorro, Eu Não Quero Morrer Virgem — Quem disse que se trata de uma pornochanchada acertou. Contém Wilza Carla, José Paulo, Marcos Rossi e outros menos votados. Mas muito menos, mesmo. Começa no dia 27, no Ipiranga.

"ESTAMOS FAZENDO ASSISTÊNCIA SOCIAL"

Está numa reportagem de Inês Knaut, na revista Nova (janeiro/77): o diretor do filme "Socorro, eu não quero morrer virgem" Roberto Mauro, magoado com a crítica especializada, desabafa, dizendo que está fazendo seu "pé-de-meia".

— E quero que os críticos se ferrem... mas que Deus conserve sua saúde, para terem tempo de me aplaudir de pé!

Roberto Mauro já está fazendo seu nono filme ("Aulas Noturnas"), num gênero que representa hoje 70% das produções nacionais e sempre dá lucro para seus produtores, pois onde as pornochanchadas são exibidas as salas ficam lotadas. De homens, principalmente.

— Não faço filmes para elite ou intelectuais. Meus filmes são feitos para o povo, para pessoas que não têm dinheiro para ir a boates, nem para grandes mulheres. Divertindo essa gente e ajudando-os a se satisfazerem mentalmente, estamos fazendo um duplo favor... é até assistência social. Isso mesmo, pode escrever: estamos fazendo assistência social.

Na mesma reportagem o diretor Pedro Rovai ("Luz Cama, Ação"), também malhado pela crítica mas igualmente irritado com seus opositores, é outro que desabafa:

— Muitos dos preconceitos contra a pornochanchada provêm de uma visão elitista da classe média, a classe que determina o que é bom e o que é ruim, mas que de modo algum representa o povo e não está interessada em prestigiar o cinema nacional. O que nós estamos fazendo é filme para o povo, como deve ser quando se acredita no cinema como uma indústria e não como a satisfação de uma pequena elite intelectualizada.

A seguir, na íntegra — sendo, inclusive, respeitada a gramática (ou porno-gramática?) — o resumo do filme "Socorro, Eu Não Quero Morrer Virgem", em papel da melhor qualidade:

"Na cidade de Foz de Iguaçu, vários casais estão passando Lua de Mel, na mesma ocasião em que chegam a cidade, um casal de vigaristas, fazendo-se passar também por recém-casados, está agindo nos hotéis da cidade, praticando os mais variados roubos, que pretendem depois transportar para o Paraguai.

Então é solicitada a presença de dois famosos detetives, que atendem pelos nomes de "Canão" e "Konjaca". São de uma famosa Organização internacional, a "Interpola", e no momento encontram-se em Assunção do Paraguai, descansando após mais uma missão, e estão justamente assistindo uma dança folclórica daquele país, quando o rádio da Central os chama, rádios este que Konjaca traz no relógio de pulso.

Então assim que chegam em Foz, eles passam a prender todo casal em "Lua de Mel" achando que com isto chegarão aos verdadeiros culpados. Mas acontece que eles sempre aparecem na hora "H" ou seja, quando o casamento vai ser consumado, e então "Lua de Mel" nenhuma acontece, enquanto que os verdadeiros culpados continuam soltos e roubando.

A paralelo a tudo isso, "Uma Mulher Ciumenta" está na captura do marido, que é bígamo, pois casa-se na Igreja com outra mulher, então, o rebu, está formado, de um lado os casais tentando desesperadamente completar suas "Luas de Mel", e de outro os detetives e

mais a mulher ciumenta, batendo em todos os apartamentos, perturbando colóquios amorosos, inclusive de casais legalmente casados. Ele com outra e ela com outro, e nesse clima, a coisa se desenrola com as mais divertidas e maliciosas situações".

Mais abaixo, onde se lê "Frasas para publicidade", o folheto diz que, "em matéria de pornochanchada, o que o diretor Roberto Mauro não inventou, ninguém inventa". Concordamos plenamente. (AF)



"Socorro, eu Não Quero Morrer Virgem", no Ipiranga.

VARIEDADES



Jornal do Disco

NELSON GONÇALVES EM DISCO(E SHOW)

Primeiro, ele pretendia gravar só em 1981, quando completará 62 anos de idade. Mas mudou de idéia e acabou lançando um álbum com três LPs, dias atrás. E, além de lançar esse álbum, vai se apresentar num show produzido por Ronaldo Bôscoli, que logo entrará em cartaz em São Paulo.

— Levei bem uns seis meses para decidir, pois meu negócio é cantar. Mas vou testar meu público de duas formas, desta vez: fazendo um show que tem muito "papo" e lançando este álbum, que ficou caro (por volta de Cr\$ 200,00).

Nelson Gonçalves não fuma e não toma bebidas alcoólicas, por prescrição médica, e toma muito café. Animado com o lançamento do novo álbum, ele vai explicando:

— No primeiro disco estão algumas das minhas músicas de maior sucesso, de 1944/53. Muita gente nova, que só me conhece há pouco tempo, vai estranhar minha maneira de cantar, bem antiga, na fase em que diziam que eu era influenciado por Orlando Silva. Não é nada disso. Naquela época eu já tinha um estilo próprio, tinha meus segredos para cantar sem imitar ninguém.

Dessa fase, ele selecionou seis músicas, de autores como Noel Rosa ("Três Apitos", "Último Desejo"), Artur Ribeiro e F. Trindade ("Nem

às Paredes Confesso"), Herivalto Martins e David Nasser ("Atiraste uma Pedra"), Raul Sampaio e Ivo Santos ("Destino") e Joaquim Pimentel ("Só Nós Dois"). Há ainda três músicas de Adelino Moreira, seu compositor predileto, compadre e parceiro desde 1945, quando Adelino abandonou a carreira de cantor para ser compositor.

A principal preocupação de Nelson Gonçalves foi selecionar músicas que já estão em discos já esgotados, como, por exemplo, "Ultimato", "Esmagando Rosas", "Meu Bairro", "Apelo", "Folha Morta", etc. No outro disco estão entre outras músicas, "História da Lapa", "Piedosa Mentira", "Enigma", "Sabiá da Manguera", "Dolores Sierra" e "Maria Pureza".

No terceiro disco, Nelson gravou músicas inéditas, como "E os Outros que se Danem Futebol Clube", de Antônio Almeida, "Parece que foi Ontem", de Rildo Hora e Sérgio Cabral e "Machucando com Talento", com Celso Castro em parceria com o próprio Nelson.

Tirando o preço, o disco só merece elogios, pois é o de excelente qualidade, muito bem cuidado, e servirá para os admiradores do cantor matarem as saudades das músicas atualmente encontradas só nos chamados "sebos" musicais (casas que vendem discos antigos, já esgotados, principalmente os de 78 rotações).

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

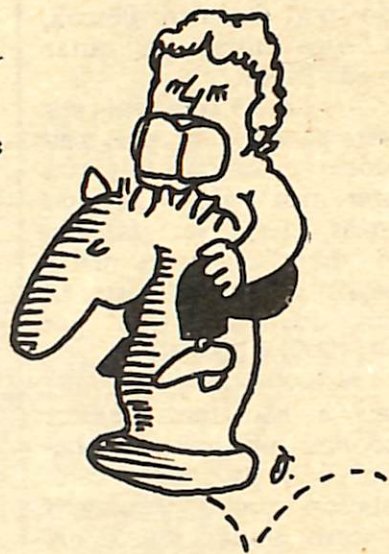
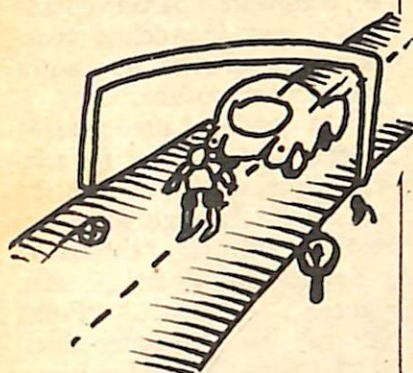


GENTE DO RAMO

A seção "Diz-que-diz" do "Jornal da Cidade" (13.3) aconselhou os leitores que dispuserem de um "carvão-zinho" a comprarem imóveis ainda neste semestre. Taí um conselho de experts. (E.M.)

É MENTIRA

Podemos informar com absoluta segurança que, ao contrário do que se propala na cidade, o campo do Paulista não será asfaltado. Embora o novo diretor de finanças do clube já seja um entusiasta da idéia, os jogadores continuarão treinando e jogando na grama. A idéia de abrir uma avenida na defesa do Paulista também foi contestada pelo técnico Roberto Belangero. Ele prefere um líbero à frente dos zagueiros. (S.V.)



BERTOLT OU BERTOLD?

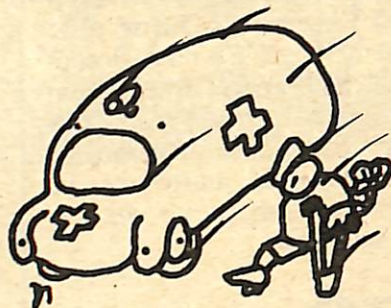
Numa nota sobre a peça "O que Mantém um Homem Vivo?", um dos redatores da coluna "N.R." esclareceu que o nome certo do autor é Bertold, "e não Bertoldt, como está nos cartazes". O mesmo redator poderia explicar outra coisa: como é que a gente faz para acertar os livros de Brecht que contêm o mesmo erro? (AF)

NINGUÉM AGUENTA

O Jornal do Brasil deu este título: "Mequinho declara em Lucerna que não aguenta mais o xadrez". A esperança é que algum dia saia um título assim: "O xadrez declara em Lucerna que não aguenta mais Mequinho". Ou melhor ainda: "Lucerna declara que não aguenta mais o xadrez de Mequinho" (S.V.)

GINCANA DA SAÚDE

O Secretário da Saúde já se cansou de explicar que a vistosa frota de ambulâncias que a Prefeitura adquiriu na gestão anterior foi superdimensionada. Ou seja, em linguagem clara: há mais oferta de ambulâncias do que demanda de ambulâncias. Mas o redator da coluna Diz-que-diz, do JC com o mau texto que o caracteriza não se conforma com isso. Ele quer ver as ambulâncias rodando. Uma sugestão: porque o próprio jornal não promove uma gincana de ambulâncias? (S.V.)



ADJETIVOS

Cidade falida, devastada, desrespeitada, lesada, enfim, um município inviável.

Calma, turma que já foi da numerada coberta! Calma, é só dona Lígia Lessa Bastos, uma deputada carioca, falando do Rio de Janeiro. (AF)

PALMAS PRÁ QUEM?

Aconteceu no Teatro Maria Della Costa, na estréia da peça "A Morte de um Caixeiro Viajante", com Paulo Autran. Entre os presentes estavam Sílvio Santos e Ney Latorraca. Ao fim da apresentação, o público voltou-se mais ou menos na direção deles, e começou a aplaudir. Sílvio e Latorraca retribuíram os espontâneos aplausos com muitos sorrisos. Só quando olharam para trás perceberam que havia um engano: os aplausos eram para uma terceira celebridade, que o público havia descoberto. Tratava-se de Severo Gomes, ex-ministro da Indústria e do Comércio. Encabulados com a gafe, Sílvio Santos e Ney Latorraca trocaram sorrisos. Amarelos, é claro. (S.V.)

ANOTA AÍ

Ponha na agenda para não esquecer: dia 30, no canal 13, TV Bandeirantes, um especial com Chico Buarque: "Meus Caros Amigos". A penitência para quem perder esse programa: assistir três "Globo de Ouro", dois "Almoço com as Estrelas" e comprar um LP de Wilson Simonal. (S.V.)

ANOTA AÍ (II)

O especial de Chico no Canal 13 será às 21 horas, ou seja, 9 da noite. A penitência, etc, etc... (E.M.)

QUERO A MINHA

Deu no JJ de quinta-feira, dia 17, página 5: "Fotonovelas, fascículos e mulheres, as mais vendidas". Corri até a banca para ver se comprava uma (mulher, é claro) para mim. Acho que cheguei tarde. O homem falou que não tinha. (S.V.)

CARETTA

Graças a um temporal, fiquei vendo tevê e assisti a um capítulo da série "Barretta", da Globo.

Tive a sensação de que Hamlet estava representando o detetive Columbo, no Teatro Scala de Milão. Por aí. (E.M.)

ENCHENDO ESPAÇO

Tem a história daquele rapaz que chegou de São Gonçalo, no Rio Grande do Sul, e comentou com o amigo:

— Rapaz, naquela cidade só tem prostituta e jogador de futebol.

Ao que o amigo retrucou:

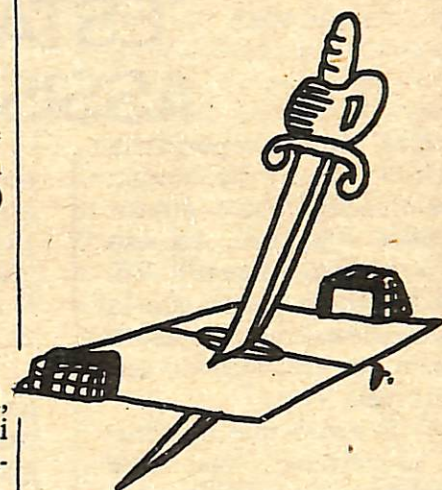
— Epa! Minha mãe mora lá, cara!

Ao que o rapaz acrescentou:

— Aliás, ouvi dizer que ela está jogando um bolão... (pela transcrição, E.M.)

A GUERRA DO PARAGUAI

Por duas efêmeras horas o rádio voltou à moda domingo passado, graças à precariedade do sistema de telecomunicações do Paraguai. A batalha campal que os locutores transmitiram com vozes embargadas e em tom heróico foi emocionante. Eu pensei que o video-tape, na segunda-feira, fosse mostrar o campo do estádio Defensores del Chaco juncado de cadáveres e o gramado regado de sangue. Que nada: apenas um mediano jogo de futebol, alguns bagaços de laranja e um folclórico sapato atirado contra as redes do Leão. As latinhas de cerveja que desabaram sobre as cabeças dos jogadores do Paulista, naquele fatídico jogo contra o XV de Jaú, foram muito mais emocionantes. (S.V.)



THE STREETS OF CHICO CITY

Num intervalo de apenas sete dias, Campinas promoveu a realização de um show de Jards Macalé e outro de Clementina de Jesus & Cartola & Nelson Cavaquinho.

Enquanto isso, numa cidade entre Chico City e São Paulo, pairava no ar a expectativa da volta de Wilson "Finger" Simonal. (E.M.)

SORRY

Desculpa, Janjão. Não sabia que você era o Nelson Chiosorin Jr. (S.V.)

JUNDIAI CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA

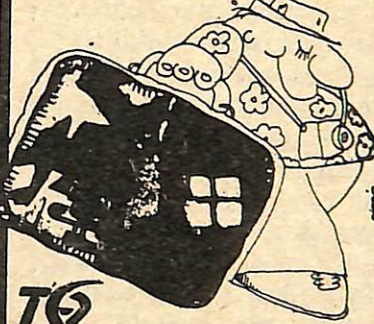
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666



CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.

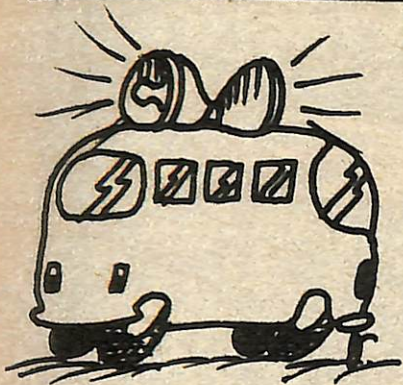
Rua Siqueira Moraes, 242
Bairro Jardim Paulista - Jundiaí - SP

CONHEÇA O BRASIL.



TEX

Existem muitos roteiros para você escolher. Venha nos visitar, ou consulte-nos. **TURISMO CHECHINATO Ltda.** Rua Barrocas do Japi, 250 Fones: 436-7004 e 434-0562



NOSSO HOMEM EM BRASÍLIA

Olhaí, ministro Ueki. O novo diretor financeiro do Paulista, conhecido aí da casa, anda queimando gasolina em peruas que ficam rodando pela cidade para anunciar os jogos do Galo.

Tá certo que o futebol é uma luta nacional, mas como é que fica a racionalização? (E.M.)



COMÉRCIO MÍOPE

Se você estiver que comprar relógio aqui em Jundiá, não compre no Marchi. Ou então reze para que o relógio não se quebre.

O meu, comprado lá, quebrou em janeiro. E até hoje não está pronto, porque a relojoaria "está procurando as peças".

Tá certo que peça de relógio é pequeninha, mas eles bem podiam procurar com aquele negocinho no olho, pôxa! (Erazé)

TEM BOI NA LINHA

Há algum tempo vem ocorrendo uma estranha anomalia com o meu telefone: ele está funcionando normalmente, emite e recebe chamadas. Será que a TELESP não vai tomar providências? (S.V.)



TENDA DOS MILAGRES

O atual governador da Bahia denunciou, publicamente, abusos da administração do seu antecessor. O ex-governador ameaçou fazer denúncias, também, publicamente, quanto ao atual governador. Assim, a Arena estava ameaçada de crise na terra de Todos os Santos.

Então, né, o presidente Geisel chamou o ex a Brasília, conversou com ele e a crise arenista não passou de um mal-entendido. (E.M.)

SEMPRE A REVISÃO!

Na semana passada, a revisão cochilou quando a nota intitulada "O melhor do mundo" (página 14) desfilou diante do palanque onde ela estava postada. A palavra técnico saiu com sotaque caipira: técnico.

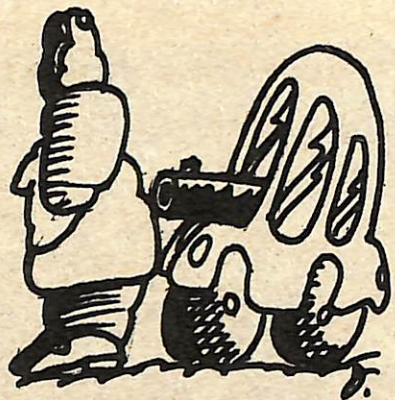
Olha aqui, revisão, técnico é a vovozinha! (AF)

PAU NA IMPRENSA

O representante cubano na Comissão de Direitos Humanos da ONU, Carlos Lechuga, disse na reunião de Genebra que, para o governo de Havana, "a questão dos dissidentes na União Soviética é um caso típico de manipulação de notícias pela imprensa capitalista".

É sim, não há dúvida. Solzhenitsyn, Sakhorov, Bukovsky, Amalrik, Siniavsky, Daniel, etc. não existem. Foram todos inventados pelos jornais capitalistas, esse bando de mentirosos.

Aliás, esses jornais vivem inventando coisas e espalhando infâmias. Pois não foram eles que lançaram lama sobre o puro e íntegro governo de Richard Nixon? (S.R.)



DICA MORTAL

Anúncio de "Seleções do Reader's Digest", publicado em alguns jornais: "A negligência ao dirigir jamais poderá ser qualificada como uma premeditação de homicídio. Mas pode causar vítimas inocentes. Conheça os modos mais usuais de ser imprudente".

Tem gente que não lê Seleções mas é capaz de guardar um exemplar. Saiba como é, se algum dia arranjar um desafeto... (AF)



LOTERIA ESPORTIVA

Com esse novo aumento da Loteria Esportiva, o negócio é voltar a jogar só quando a gente fizer 13 pontos. (AF)

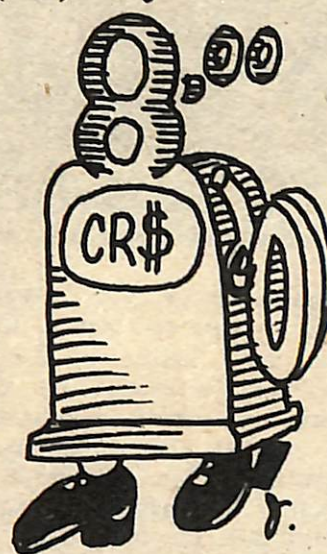


MOMENTO DE REFLEXÃO

"Livrai-me, Deus, dos meus amigos, que eu me livrarei dos meus inimigos". (Provérbio árabe). (E.M.)

SIMONETA, MON AMOUR

Quer apostar que, bem antes de dois anos, a gasolina estará custando oito paus? (E.M.)

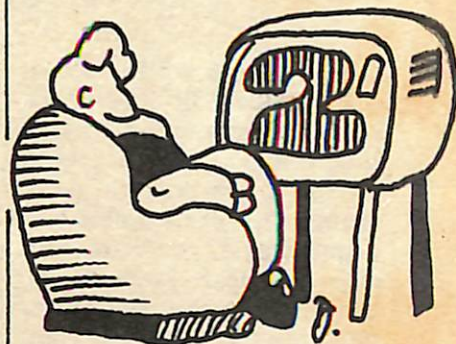


FERRADA

O "Jornal de Jundiá" (15.3) publicou um relatório do administrador do DAE ao prefeito, informando que uma firma está acionando a autarquia para receber Cr\$ 600 mil, decorrentes do cancelamento de um contrato.

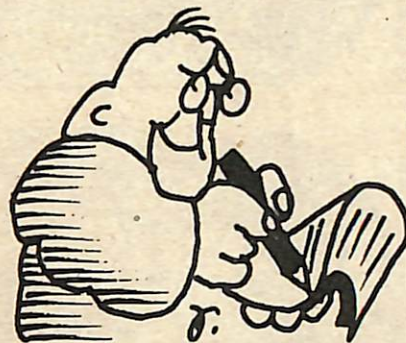
E o vereador Antônio Tavares sobe na tribuna da Câmara pra dizer que a administração passada deu a "grande arrancada" em matéria de água na cidade.

Arrancou mesmo. A seco. (E.M.)



PROGRAMA

Às oito e meia da noite de sábado a Tv Cultura tem apresentado "especiais" com artistas da música popular brasileira (ela existe, você sabia?). Simone, Maysa, Macalé foram os três últimos. Um bom programa pra quem quer fugir das novelas e da violência dos policiais enlatados. (E.M.)



VIGÁRIO DE 2a.

Paulo Mello, Cássio Martinho, Carole Chidiac e Silvana de Souza são as únicas pessoas credenciadas a vender assinaturas e publicidade do "Jornal de 2a."

O resto é, pelo menos, suspeito. (E.M.)

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2a

Fone- 434-8648

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

COMÉRCIO DE COURO
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone- 436-4880



JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8480

COMO IBIS VIROU HERÓI (POR 7 MILHÕES DE CRUZEIROS)

Agora, finalmente, está explicada a manchete que o Jornal da Cidade publicou dia 16 de novembro de 1972. Em letras garrafais, o jornal proclamava com entusiasmo: "Ganhamos!". Para ser mais exato, Cr\$ 2.440.704,83 em quatro anos, dos quais Cr\$... 1.187.758,94 somente em 1976, por coincidência, um ano eleitoral. (veja gráficos demonstrativos na página).

Os números são oficiais requisitados judicialmente para instruir processo-crime que o Jornal da Cidade move contra um articulista deste jornal. Os gastos referem-se a publicações de atos oficiais e peças publicitárias. Uma dessas peças, por exemplo, foi dedicada a cumprimentar um determinado jornal pelo seu aniversário. Ocioso é dizer que o elegante gesto da Prefeitura foi custeado com o dinheiro público.

Os reflexos dessa orgia de gastos, com os quais a Prefeitura alardeava as excelências da administração "dinâmica e corajosa", estão sendo sentidos agora: a cidade está à beira da insolvência financeira, sem condições de pagar as suas dívidas, e sem condições até mesmo de pagar os requisitos judiciais oriundos de desapropriações.

Para convencer a cidade de que "o progresso explodia de minuto a minuto" a administração Ibis Cruz, em 4 anos, gastou mais de 7 milhões de cruzeiros (A administração anterior, de Walmor Barbosa Martins, em quatro anos gastou pouco mais de 436 mil cruzeiros).

Esses sete milhões de cruzeiros (dos quais 29,5% — uma fatia altamente expressiva — foram destinados a subvencionar, em forma de propaganda, o apoio entusiástico do Jornal da Cidade), serviram para alardear, até mesmo nas luxuosas páginas coloridas da "Manchete", um progresso e um dinamismo pelos quais a cidade ainda vai pagar durante muitos anos.

O orçamento da cidade, por exemplo, chegou a ser publicado em um suplemento especial de um jornal,

com letras garrafais e grandes espaços em branco. Como nem mesmo os leigos ignoram, o espaço publicitário em jornais é cobrado a preços tabelados, por centímetro de coluna. Até mesmo os espaços em branco foram custeados com o dinheiro público, para aumentar o faturamento dos órgãos atrelados à política do prefeito.

O resultado de tudo isso, foi uma imprensa calada e omissa diante dos desmandos da administração, quando — por sua própria definição deveria ser, como em todas as sociedades democráticas, um instrumento de crítica e de vigilância em defesa dos interesses da população. E o pior: criou-se, através da provocação de estímulos publicitários, em uma parcela da

população a falsa impressão, de que o dinheiro público estava sendo aplicado em obras fundamentais para o progresso da cidade. Agora, que a verdade aos poucos vai chegando à tona, a cidade só tem a lamentar que 7 milhões de cruzeiros, subtraídos dos bolsos da população em forma de impostos exagerados, tenham sido investidos na criação

de uma imagem toda ela feita de fantasias e falsidades, como as luxuosas avenidas que ainda continuam levando do nada ao nada. E nas quais investiram-se os milhões que agora comprometem seriamente o futuro de Jundiaí.

Aqui, nestes gráficos, a prova definitiva da fanfarronice publicitária da administração Ibis Cruz:

QUADRO 1

PREFEITURA

ANO	GOVERNO WALMOR
1969	Cr\$ 74.600,84
1970	Cr\$ 105.528,14
1971	Cr\$ 118.397,24
1972	Cr\$ 135.645,00
TOTAL	Cr\$ 436.171,22

ANO	GOVERNO IBIS
1973	Cr\$ 315.114,88
1974	Cr\$ 526.519,50
1975	Cr\$ 2.055.741,22
1976	Cr\$ 4.205.670,20
TOTAL	Cr\$ 7.103.045,80

QUADRO 2 EMPRESA PREFERIDA PARA AS PUBLICAÇÕES

ANO	JORNAL DA CIDADE
1973	Cr\$ 218.863,00
1974	Cr\$ 239.687,20
1975	Cr\$ 533.254,39
1976	Cr\$ 1.108.165,20
TOTAL (29,5%)	Cr\$ 2.099.969,69

	OUTRAS EMPRESAS
1973	Cr\$ 96.251,88
1974	Cr\$ 286.832,30
1975	Cr\$ 1.522.486,83
1976	Cr\$ 3.097.505,00
TOTAL (70,5%)	Cr\$ 5.003.075,01

QUADRO 2 GASTOS GERAIS COMPARATIVOS ENTRE DOIS GOVERNOS

1969/72 — Gov. Walmor	
PREFEITURA ...	Cr\$ 436.171,22
CÂMARA M.	Cr\$ 77.761,95
DAE	Cr\$ 57.063,25
TOTAL	Cr\$ 570.986,42

1973/76 GOVERNO IBIS	
PREFEITURA .	Cr\$ 7.103.045,80
CÂMARA M.	Cr\$ 208.702,70
DAE	Cr\$ 296.439,54
TOTAL	Cr\$ 7.608.188,04

QUADRO 4 GASTOS GERAIS COM PUBLICIDADE DOS PODERES PÚBLICOS

ANO	JORNAL DA CIDADE
1973	Cr\$ 255.048,70
1974	Cr\$ 300.067,80
1975	Cr\$ 697.829,39
1976	Cr\$ 1.187.758,94
TOTAL (32%)..	Cr\$ 2.440.704,83

	OUTROS ÓRGÃOS
1973	Cr\$ 110.713,08
1974	Cr\$ 295.332,00
1975	Cr\$ 1.587.720,63
1976	Cr\$ 3.173.717,50
TOTAL (68%)..	Cr\$ 5.167.483,21